



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Vinculação com a figura materna durante a infância e  
Ansiedade Social – Um estudo com população adulta

CATARINA ALEXANDRA CARDOSO CORREIA

**Orientador de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR DAVID NETO

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR DAVID NETO

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor David Neto, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por desde sempre terem acreditado e confiado nas minhas escolhas e por nunca colocarem entraves àquelas que são as minhas ambições e sonhos. Obrigada pelo esforço constante durante os últimos 6 anos para que eu conseguisse concluir o curso e por me proporcionarem todas as oportunidades e mais algumas para que eu consiga alcançar todos os meus objetivos. Obrigada pelo voto de confiança e pelo orgulho que demonstram por mim. Obrigada por me apoiarem nos momentos mais difíceis e por festejarem comigo as minhas conquistas como se fossem vossas. Obrigada pelos valores que me transmitiram e que se materializaram no sonho de querer tornar o mundo um lugar melhor. Se sou a pessoa que sou hoje, a vocês o devo. Por tudo isso, esta dissertação é, também, vossa, pois sem vocês nada disto seria possível.

*“It is joy to be hidden but disaster not to be found.”*

Donald Woods Winnicott em *‘The Maturational Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development’*, 1965

## RESUMO

A literatura tem vindo a demonstrar a importância dos padrões de vinculação estabelecidos com as figuras parentais enquanto fator preditor para o desenvolvimento de psicopatologias, com especial enfoque no que concerne a perturbações de ansiedade. A presente investigação procura explorar numa população de adultos o impacto dos padrões de vinculação estabelecidos com a figura materna durante a infância e o posterior desenvolvimento de ansiedade social em idade adulta. Para tal, as representações de vinculação com ambas as figuras parentais, bem como os níveis de ansiedade social e de perturbação obsessivo-compulsiva foram aferidos num total de 1456 participantes com uma média de idades correspondente a 40.64. Tal qual hipotetizado, com o recurso a análises de variâncias, os resultados obtidos permitem aferir a existência de uma associação entre os padrões de vinculação e a ansiedade social, com particular destaque no que concerne aos padrões de vinculação inseguros, não sendo, contudo, observadas diferenças significativas entre ambos no seu impacto na ansiedade social. Adicionalmente, contrariamente ao expectável, os padrões de vinculação revelaram uma mais forte associação à perturbação obsessivo-compulsiva por comparação à ansiedade social. Os resultados deste estudo, interpretados à luz da teoria da vinculação, permitem apurar o conhecimento de fatores de risco para o desenvolvimento e manutenção da ansiedade social, visto que padrões díspares de vinculação precoce exercem influência na posterior experiência de ansiedade da criança. Assim, estes resultados sugerem que o processo clínico de intervenção se poderá focar na vinculação, contribuindo, também, ao nível da clínica infantil para a prevenção da patologia.

**Palavras-chave:** Vinculação; Padrões de Vinculação; Ansiedade Social; Perturbação Obsessivo-Compulsiva;

## **ABSTRACT**

Literature has shown the importance of parent-child attachment styles as a predicting factor for the development of psychopathology with special emphasis on anxiety disorders. Therefore, in a sample of adults, the present investigation explores the impact of mother-child attachment styles during infancy and the later development of social anxiety in adulthood. For that, attachment representations with both parental figures, as well as levels of social anxiety and obsessive-compulsive disorder were measured in a total of 1456 participants whose ages mean corresponds to 40.64. Just as hypothesized, through analysis of variance, the results obtained support the existence of an association between attachment styles and social anxiety, with particular emphasis on insecure attachment styles, although significant differences weren't observed on both their impacts on social anxiety. Moreover, contrary to expected, a stronger association between attachment styles and the obsessive-compulsive disorder was observed as compared to social anxiety. The results of the present study, interpreted within the attachment theory, contribute to the knowledge of potential risk factors related to the onset and maintaining of social anxiety, given that different early attachment styles influence the child's later experience of anxiety. In this regard, these results suggest that the clinical process of intervention could focus on attachment, and also contribute to the prevention of the pathology from pediatric stages.

***Key-words:*** Attachment; Attachment Styles; Social Anxiety; Obsessive-Compulsive Disorder.

## ÍNDICE

<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>II. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	4
2.1. <i>Ansiedade Social</i> .....	4
2.2. <i>Vinculação</i> .....	5
2.3. <i>Ansiedade Social e Vinculação</i> .....	7
2.4. <i>Presente Estudo</i> .....	11
<b>III. MÉTODO</b> .....	14
3.1. <i>Participantes</i> .....	14
3.2. <i>Instrumentos</i> .....	15
3.2.1. <i>Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)</i> .....	15
3.2.2. <i>Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO)</i> .....	16
3.2.3. <i>Inventário Obsessivo de Coimbra (IOC-R)</i> .....	17
3.2.4. <i>Questionário Sociodemográfico</i> .....	18
3.3. <i>Procedimento</i> .....	18
<b>IV. RESULTADOS</b> .....	20
4.1. <i>Efeito dos padrões de vinculação mãe-criança na ansiedade social</i> .....	21
4.2. <i>Efeito dos padrões de vinculação inseguros (ambivalente e evitante) na ansiedade social</i> .....	23
4.3. <i>Diferenças no efeito do padrão de vinculação inseguro-ambivalente e do padrão de vinculação inseguro-evitante na ansiedade social</i> .....	26
4.4. <i>Efeito dos padrões de vinculação na ansiedade social e na perturbação obsessivo-compulsiva</i> .....	27

<b>V. DISCUSSÃO</b> .....	30
5.1. <i>Limitações</i> .....	37
<b>VI. CONCLUSÃO</b> .....	39
<b>VII. REFERÊNCIAS</b> .....	41
<b>ANEXOS</b> .....	49
<i>ANEXO A – Questionário Sociodemográfico</i> .....	50
<i>ANEXO B – Carta de Consentimento Informado Online</i> .....	52
<i>ANEXO C – Explicação do Enquadramento Familiar</i> .....	53

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Distribuição da Amostra por Padrão de Vinculação.....	21
<b>Tabela 2</b> – Médias de Ansiedade Social por Padrão de Vinculação.....	23
<b>Tabela 3</b> – Comparações Post Hoc – Mãe.....	24
<b>Tabela 4</b> – Comparações Post Hoc – Pai.....	25
<b>Tabela 5</b> – Análise de Variâncias dos Padrões de Vinculação na Relação Com a Figura Materna.....	28
<b>Tabela 6</b> – Análise de Variâncias dos Padrões de Vinculação na Relação Com a Figura Paterna.....	29

## I. INTRODUÇÃO

Bowlby defendia que na base de um crescimento e desenvolvimento mental saudável se encontra uma relação calorosa, íntima e contínua do bebê para com a sua mãe ou figura substituta, denominada esta por vinculação (Brumariu & Kerns, 2010; Cardoso & Veríssimo, 2013; Fletcher & Gallichan, 2016). Como tal, as vivências interpessoais – mais ou menos positivas – experienciadas pela criança na relação com a sua figura de vinculação culminarão no desenvolvimento de esquemas cognitivos, isto é, representações mentais dos outros, do próprio, bem como da relação entre ambos, denominados por modelos dinâmicos internos (Read et al., 2018). Estas representações estabelecem-se num contínuo polarizado entre negativo e positivo (Scharf et al., 2016), não só servindo de modelo para relações interpessoais futuras, na medida em que permite à criança interpretar como um outro irá responder às suas investidas, bem como influencia a forma com esta experiência, processa e expressa as suas emoções (Read et al., 2018; Veríssimo et al., 2014). Por conseguinte, estes modelos traduzirão um padrão de vinculação específico, podendo este ser categorizado em quatro padrões distintos denominados na infância por: seguro, inseguro-ambivalente, inseguro-evitante e inseguro-desorganizado (Ainsworth, 2015; Lyddon & Sherry, 2001).

Assim sendo, vários são os estudos que têm demonstrado a associação entre as atitudes parentais para com o bebê e o seu posterior desenvolvimento de diversas psicopatologias (Perris, 1988). Concomitantemente, diversos estudos têm demonstrado a influência dos padrões de vinculação na infância, nomeadamente padrões de vinculação inseguros (Sroufe, 2005), no posterior desenvolvimento de perturbações de ansiedade (Brumariu & Kerns, 2008; Read et al., 2018; Schimmenti & Bifulco, 2015) com especial incidência nas que possuem uma vertente social, isto é, ansiedade de separação, ansiedade social e perturbação de ansiedade generalizada (Colonnesi et al., 2011). No mesmo sentido, é vasta a literatura que tem revelado uma associação positiva entre padrões de vinculação inseguros e a ansiedade social (Manning et al., 2017), bem como do seu impacto no desenvolvimento de competências socioemocionais (Fernandes et al., 2019). Como tal, dado que as competências socioemocionais da criança emergem no contexto das suas relações familiares e qualidade a estas associada, padrões de vinculação inseguros contribuem para a precariedade das mesmas e, conseqüentemente, para dificuldades futuras ao nível das relações interpessoais (Fernandes et al., 2019). Deste modo, padrões de vinculação inseguros podem corresponder a um possível fator de risco para o desenvolvimento de perturbações de ansiedade (Sroufe, 2005), sendo

que, por oposição, uma vinculação segura se revela um fator protetor para o desenvolvimento das mesmas (Dallaire & Weinraub, 2007; Schimmenti & Bifulco, 2015).

Na sequência do supracitado, a perturbação de ansiedade social, também denominada por fobia social, revela-se comum durante a infância, tornando-se crónica aquando não tratada e constituindo-se a perturbação de ansiedade mais comum na adolescência e adultícia (Brumariu & Kerns, 2008; Tamannaifar & Sanatkarfar, 2017). Esta caracteriza-se pelo medo irracional, persistente e desproporcional face ao estímulo, experienciado pelo indivíduo em contextos sociais ou de desempenho (Manning et al., 2017), nos quais está exposto à avaliação e julgamento por parte de outrem (Read et al., 2018), receando demonstrar perante este um eventual comportamento pelo próprio interpretado enquanto humilhante ou embaraçoso (Eng et al., 2001). Deste modo, possui enquanto principais sintomas o receio de ser negativamente avaliado pelos outros; a angústia em situações sociais novas e o seu consequente evitamento; bem como um evitamento social generalizado (Brumariu & Kerns, 2008).

De acordo com a literatura, na génese da ansiedade social é possível encontrar fatores parentais, ainda que estes por si só não se revelem suficientes para despoletar o desenvolvimento da patologia (Asbrand et al., 2017; Ollendick & Hirshfeld-Becker, 2002). Ainda assim, vários são os estudos que têm demonstrado a forte influência parental enquanto fator preditor da ansiedade social (Asbrand et al., 2017), na medida em que padrões de vinculação inseguros promovem o desenvolvimento de sintomatologia associada à mesma (Read et al., 2018).

Com base no supracitado, a presente investigação procura aprofundar a influência dos padrões de vinculação estabelecidos com a figura materna durante a infância no posterior desenvolvimento de ansiedade social em idade adulta. Como tal, encontra-se organizada em torno de duas partes: teórica e empírica. A primeira parte é constituída pela revisão de literatura, com vista a aprofundar os constructos em análise – vinculação e ansiedade social – bem como a associação entre ambos, fazendo menção a estudos empíricos previamente realizados, assim como aos resultados obtidos nos mesmos. A segunda parte da corrente investigação de cariz comparativo procura contribuir para a literatura já existente, respondendo empiricamente às questões levantadas. Deste modo, serão, inicialmente, apresentados os objetivos e hipóteses em análise, seguindo-se a secção do método no qual serão descritos todos os aspetos relacionados com os participantes, instrumentos utilizados e

procedimento de execução do estudo. Seguidamente será apresentada a secção dos resultados na qual se fará a comparação entre os resultados obtidos para a figura materna e os resultados obtidos para a figura paterna, sendo, posteriormente, realizada a análise e interpretação dos mesmos na discussão, bem como a sua articulação com os resultados de estudos já existentes na literatura. Na discussão será ainda feita menção às limitações da corrente investigação, bem como sugestões para investigações futuras. Por fim, segue-se a secção da conclusão na qual serão identificadas as principais ideias passíveis de retirar dos dados obtidos no presente estudo e as suas contribuições para a literatura referente à temática em análise.

## II. REVISÃO DE LITERATURA

### *2.1. Ansiedade Social*

A perturbação de ansiedade social, igualmente denominada por fobia social, corresponde a uma das perturbações de ansiedade mais prevalentes, revelando-se o terceiro distúrbio psiquiátrico mais comum (Elizabeth et al., 2004). Esta caracteriza-se pelo medo irracional, persistente e desproporcional face a situações sociais ou de desempenho (Ollendick & Hirshfeld-Becker, 2002), nas quais o indivíduo se encontra em contacto com desconhecidos ou está exposto e sujeito à observação por parte de outrem (Graziani, 2005).

Esta condição fóbica surge durante a infância ou adolescência, persistindo na adultícia (Ollendick & Hirshfeld-Becker, 2002; Seedat, 2013) e possui no seu núcleo central o forte desejo de exteriorizar uma impressão favorável de si mesmo perante os outros e a insegurança exacerbada de não o conseguir. Face ao mencionado, indivíduos socialmente ansiosos desenvolvem crenças disfuncionais em relação a si próprios, aos seus comportamentos, bem como às suas competências de socialização, resultando numa hipervigilância face à avaliação negativa e rejeição por parte do outro e numa consequente interpretação das situações sociais enquanto algo ameaçador (Graziani, 2005; Tamannaefar & Sanatkarfar, 2017). Assim, na interação com o outro estes indivíduos podem experienciar intensos sintomas físicos e emocionais – alguns dos quais medo, palpitações, tremores e dificuldade de concentração – o que, consequentemente, conduz a um evitamento da situação ansiogénica e a uma retirada social, contribuindo para uma baixa autoestima e elevada autocrítica (Stein & Stein, 2008; Tamannaefar & Sanatkarfar, 2017).

A ansiedade social demarca-se, assim, pelo seu grau de severidade e perseverança, revelando-se invasiva para o sujeito e fonte de um intenso mal-estar, conduzindo a manifestações fisiológicas, cognitivas, bem como comportamentais. Consequentemente, impacta fortemente a qualidade de vida do indivíduo e o seu quotidiano, bem como o seu normal funcionamento social e as suas relações interpessoais, demonstrando-se debilitante (Graziani, 2005; Schneier, 2003; Read et al., 2018).

Posto isto, um dos fatores que se tem vindo a apontar como sendo relevante para o desenvolvimento de ansiedade social prende-se com a vinculação uma vez que, de acordo com a literatura, o estabelecimento de padrões de vinculação disfuncionais com as figuras

parentais, isto é, inseguros, atua como terreno fértil para o desenvolvimento de sintomatologia associada à ansiedade social (Read et al., 2018).

## 2.2. Vinculação

A Teoria da Vinculação de Bowlby defende a necessidade de uma relação calorosa e segura entre o bebê e a sua principal figura cuidadora – geralmente a mãe – para um crescimento e desenvolvimento mental saudável (Bretherton, 1992). A vinculação corresponde, assim, a uma necessidade primária e exclusiva, fundamental para o desenvolvimento da personalidade (Fitton, 2012; Golse, 2005), materializando-se num forte laço afetivo, único e exclusivo cuja perda é irreparável (Cardoso & Veríssimo, 2013; Matos & Costa, 1996).

Por conseguinte, esta teoria postula que as experiências de vinculação precoce originam esquemas cognitivos – denominados por modelos dinâmicos internos – do próprio e dos outros, bem como da relação entre ambos (Eng et al., 2001), cuja base assenta nas expectativas acerca da disponibilidade e dependabilidade das figuras de vinculação, assim como na crença de um *self* merecedor dessa atenção, cuidado e apoio (Read et al., 2018). Estes modelos dinâmicos internos exercem forte influência no desenvolvimento da personalidade, uma vez que influenciam a forma como a criança experiencia, processa e expressa as suas emoções, servindo, de igual modo, de protótipo para relações interpessoais futuras (Read et al., 2018). Subsequentemente, contribuem para a segurança com a qual a criança irá estabelecer relações satisfatórias e de proximidade, assim como para o seu autoconceito e representação interna do outro (Read et al., 2018; Sroufe, 2005).

Deste modo, uma mãe responsiva e sensível às necessidades do bebê proporcionará o estabelecimento de um vínculo seguro (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1973), o que, por sua vez, irá neste originar modelos dinâmicos internos do próprio como sendo amável e competente, e de um outro preocupado, confiável e carinhoso. Por outro lado, ameaças constantes ao equilíbrio desta relação contribuirão para formas de relacionamento com a figura materna e, conseqüentemente, com o mundo exterior, menos adaptativas. Assim, perante uma figura cuidadora não responsiva, rejeitante e inconsistente, desenvolver-se-á uma vinculação insegura, originando uma internalização do próprio como não sendo digno de amor ou não tendo valor, e do outro como sendo insensível, não confiável e rejeitante

(Manning et al., 2017; Read et al., 2018; Silva & Costa, 2005). Posto isto, a acessibilidade, sensibilidade e responsividade da mãe irão determinar se a criança se encontra num constante estado de segurança que lhe fornece uma base segura através da qual poderá explorar o mundo; ou se, por oposição, se encontra num estado de ansiedade que se irá prolongar no decorrer do seu desenvolvimento (Fitton, 2012).

Com base na noção dos modelos dinâmicos internos de Bowlby, Bartholomew e Horowitz (1991) desenvolveram um modelo de vinculação para adultos. Este modelo postula a criação, por parte dos indivíduos, de representações acerca de si próprios – expectativas acerca do valor do próprio – assim como dos outros – expectativas acerca da disponibilidade de outrem – que pode ser positiva ou negativa, culminando em 4 protótipos de vinculação distintos: seguro; desinvestido; preocupado; e amedrontado (Griffin & Bartholomew, 1994). Estes padrões, por sua vez, correspondem, respetivamente, na infância aos padrões de vinculação seguro, inseguro-evitante, inseguro-ambivalente e inseguro-desorganizado (Lyddon & Sherry, 2001; Ainsworth, 2015).

Na sequência do supracitado, dado que as relações de vinculação estabelecidas com a figura cuidadora durante os primeiros anos de vida originam o protótipo das relações interpessoais que a criança irá estabelecer fora do seu seio familiar no decorrer da sua vida (Diehl et al., 1998; Lyddon & Sherry, 2001; Portu-Zapirain, 2013), vinculações inseguras têm sido apontados como constituindo uma predisposição para a experiência de situações interpessoais mais negativas (Read et al., 2018). Neste sentido, a negligência parental na infância, podendo esta ser ou não intencional, tem sido apontada enquanto fator antecedente para o desenvolvimento de psicopatologias, nomeadamente, perturbações de ansiedade na adolescência e adultícia, uma vez que promove o estabelecimento de padrões de vinculação inseguros e, conseqüentemente, modelos dinâmicos internos a estes associados (Schimmenti & Bifulco, 2015). Deste modo, vários são os estudos que têm demonstrado que padrões de vinculação inseguros se encontram associados a níveis de ansiedade social mais elevados (Manning et al., 2017), existindo, assim, uma forte relação entre a vinculação e a ansiedade social (Read et al., 2018). Assim sendo, por se revelar de extrema pertinência, será avaliada na seguinte secção a relação entre ambos os conceitos, assim como os estudos mais relevantes realizados na área.

### *2.3. Ansiedade Social e Vinculação*

No decorrer das últimas décadas, foram vários os estudos realizados com vista a averiguar a etiologia da ansiedade na infância (Colonnesi et al., 2011). Destes, foi possível concluir a influência da qualidade das relações de vinculação com as figuras parentais, com especial enfoque na relação mãe-criança, enquanto fator de risco para o desenvolvimento e manutenção de quadros psicopatológicos, nomeadamente perturbações de ansiedade (Abbasi et al., 2016; Read et al., 2018).

Estudos realizados por Brumariu e Kerns (2010) e Brumariu et al. (2012) com crianças entre os 10 e os 12 anos e as respetivas progenitoras, com vista a explorar a associação entre os padrões de vinculação mãe-criança e a ansiedade, revelaram que crianças com padrões de vinculação inseguros demonstram níveis de ansiedade mais elevados. No mesmo sentido, um estudo longitudinal realizado com crianças de 12 meses e, mais tarde, 11 anos revelou que na presença de um padrão de vinculação inseguro-ambivalente são observáveis níveis de ansiedade mais elevados em comparação a crianças com um padrão de vinculação seguro (Bar-Haim et al., 2007). Esta relação foi, igualmente, observada num estudo realizado com jovens universitários que evidenciou um padrão de vinculação inseguro, nomeadamente um padrão preocupado, como sendo um fator de vulnerabilidade para o desenvolvimento de ansiedade (Silva & Costa, 2005). Deste modo, uma meta-análise que contou com um total de 46 estudos, realizada por Colonnesi et al. (2011) e que procurou examinar a associação entre padrões de vinculação inseguros e a ansiedade na infância e adolescência, sumariza estes resultados tendo sido observada a existência de uma relação moderada entre a vinculação com as figuras parentais e a ansiedade na criança, revelando-se uma associação positiva aos padrões de vinculação inseguros. De igual modo, foi ainda possível observar níveis mais elevados de ansiedade na presença de um padrão de vinculação inseguro-ambivalente (Colonnesi et al., 2011).

Adicionalmente, de acordo com estudos populacionais realizados, as perturbações de ansiedade mais comuns numa fase inicial da infância correspondem à ansiedade de separação, bem como a fobias diversas que tendem a desaparecer no decorrer da infância e adolescência. Por sua vez, é durante o período final da infância e entrada na adolescência que se tornam mais prevalentes perturbações de ansiedade com uma vertente social – das quais se destacam a ansiedade social e a perturbação de ansiedade generalizada – perdurando estas até à idade adulta. Neste sentido, a literatura existente sustenta a existência de uma associação entre os

padrões de vinculação e perturbações de ansiedade com uma vertente social, nomeadamente a ansiedade social (Colonnesi et al., 2011).

Como tal, um estudo realizado com crianças de 5 anos e as suas progenitoras por Brumariu e Kerns (2008) com vista a acessar a associação entre os padrões de vinculação e as diferentes dimensões da ansiedade social – Medo de Avaliação Negativa; Desconforto e Evitamento em Situações Sociais Novas; e Desconforto e Evitamento Geral – revelou que a natureza dos sintomas de ansiedade social pode depender de padrões específicos de vinculação, com maior risco no que concerne ao padrão de vinculação inseguro-ambivalente. Também um estudo realizado com estudantes de ensino secundário revelou uma maior vulnerabilidade em indivíduos com uma vinculação insegura-ambivalente para o desenvolvimento de ansiedade social (Tamannaefar & Sanatkarfar, 2017). Já num estudo realizado com população clinicamente diagnosticada com ansiedade social, os resultados assemelham-se demonstrando níveis de ansiedade social mais severos em indivíduos com um padrão de vinculação preocupado em comparação a indivíduos com vinculações seguras (Eng et al., 2001). Ainda num estudo realizado por Read et al. (2018) com população adulta, no qual se investigou a relação entre padrões de vinculação inseguros e a ansiedade social, foi possível observar que elevados níveis de preocupação (padrão de vinculação preocupado) e de evitação (padrão de vinculação desinvestido) culminam em níveis de ansiedade social mais elevados, resultados estes em linha com os obtidos em estudos anteriores.

Assim sendo, os resultados de estudos realizados têm sido consistentes no que concerne à existência de uma associação positiva entre padrões de vinculação inseguros – ambivalente e evitante na infância / preocupado e desinvestido em idade adulta – e elevados níveis de ansiedade social, assim como uma maior severidade da sintomatologia correspondente (Eng et al., 2001; Read et al., 2018). Ainda assim, alguns estudos revelam uma mais forte associação entre a ansiedade social e um padrão de vinculação inseguro-ambivalente/preocupado, por comparação a um padrão de vinculação inseguro-evitante/desinvestido (Brumariu & Kerns, 2008; Eikenaes et al., 2015; Tamannaefar & Sanatkarfar, 2017). Contudo, uma vez que esta associação nem sempre é observada, não existe, ainda, um consenso relativamente a esta hipótese (Brumariu & Kerns, 2008).

Em concordância com o supracitado, vários são os estudos que têm demonstrado uma associação negativa entre um padrão de vinculação seguro e a ansiedade social (Brumariu & Kerns, 2010; Scharf et al., 2016; Tamannaefar & Sanatkarfar, 2017). Deste modo, um padrão

de vinculação seguro tem sido apontado como um fator protetor para o não desenvolvimento de perturbações de ansiedade, tal qual observado num estudo realizado por Dallaire e Weinraub (2007) no qual crianças que demonstravam vínculos inseguros aos 15 meses revelaram mais tarde no primeiro ano escolar, sintomas mais elevados de ansiedade em comparação a crianças com vínculos seguros, ainda que ambas tenham experienciado situações de vida negativas.

Outro aspeto no qual a investigação se tem focado prende-se com o desenvolvimento socioemocional da criança e a sua relação com os padrões de vinculação. É, assim, extensa a literatura que evidencia que crianças com vinculações seguras revelam uma maior competência emocional, bem como social em comparação a crianças inseguras (Kamza, 2019). Deste modo, a capacidade de regulação emocional de cada indivíduo assenta num historial de vinculação segura que, por sua vez, conduz a uma maior confiança, autoestima e capacidade de resiliência (Sroufe, 2005). Num estudo realizado por Sroufe (2005), foi possível constatar esta relação através da observação de interações de crianças no pré-escolar. Assim, nestas interações, crianças com vínculos seguros respondiam de uma forma afetiva positiva quando iniciavam contacto com os colegas ou respondiam às iniciativas destes, permitindo-lhes construir relações estáveis. Como tal, a competência emocional da criança, isto é, a sua capacidade para expressar emoções adequadas às circunstâncias, de adequar as suas reações emocionais negativas e compreender os estados emocionais para o *self* e para o outro (Veríssimo et al., 2003), advém da vivência de relações mais calorosas com as figuras parentais e da aceitação por parte dos mesmos dos sentimentos da criança, assim como da sua disponibilidade para falar abertamente sobre estes, especialmente sobre os mais negativos (Rebelo et al., 2013; Thompson, 2018).

Neste sentido, para que a criança se consiga autorregular futuramente, é necessário que seja primeiramente auxiliada nesse processo pela progenitora (Fitton, 2012), na medida em que irá interiorizar as suas experiências, a partir das quais irá, posteriormente, generalizar para outros contextos. Assim sendo, todo o seu desenvolvimento terá subjacente a base construída durante a infância podendo esta possuir contornos mais ou menos positivos (Sroufe, 2000). Concomitantemente, perturbações na relação com a figura materna que comprometam o estabelecimento de uma vinculação segura irão fomentar na criança o desenvolvimento de estratégias de regulação emocional desadaptativas (Read et al., 2018). Estas, por sua vez, culminam frequentemente no desenvolvimento de perturbações de ansiedade cuja origem reside na relação inicial diádica (Sroufe, 2000), originando no sujeito ansioso parcas

competências de regulação emocional, tais como comportamentos de evitamento e de proteção comprometendo, deste modo, as suas vivências interpessoais (de Castella et al., 2014)

Convergentemente, a literatura referente a vários estudos replicados para diferentes faixas etárias (Bohlin et al., 2000; Schiffrin, 2013; Sroufe, 2005; Thompson, 2018; Veríssimo et al., 2014) tem demonstrado que uma vinculação segura embrionária – que origina modelos dinâmicos internos positivos tanto dos outros, como do próprio – promove uma maior competência social nas crianças que se prolonga pela vida adulta. Veríssimo et al. (2014), num estudo realizado com crianças em idade pré-escolar com vista a testar a associação entre os padrões de vinculação da criança e o seu nível de competência social, verificaram uma relação positiva significativa entre uma vinculação segura e a competência social da criança. Semelhantemente, num estudo longitudinal realizado por Bohlin et al. (2000) com crianças inicialmente observadas aos 15 meses e mais tarde aos 8-9 anos, no qual hipotetizava que uma vinculação segura promove competência social no futuro, observou-se que um padrão de vinculação seguro estabelecido desde cedo constitui um precursor de competência social, isto é, de um bom funcionamento social em idade escolar. De igual modo, estas crianças revelavam-se mais socialmente ativas, positivas e populares, reportando menores níveis de ansiedade social em comparação aos seus pares com padrões de vinculação inseguros (Bohlin et al., 2000).

A relação de vinculação estabelecida com ambas as figuras parentais durante a infância precoce constitui-se, assim, um precursor e promotor da competência social que esta irá desenvolver, uma vez que possuiu um historial de disponibilidade e responsividade por parte das figuras cuidadoras que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento de representações e expectativas positivas no que concerne à relação com um outro. Estas expectativas promovem a exploração ativa de novos contextos sociais, reforçando não só as já existentes capacidades de socialização da criança, bem como promovendo a aquisição de novas competências (Fernandes et al., 2019). Assim, um padrão de vinculação seguro é um fator fundamental para a promoção da competência social permitindo não só a resolução de problemas a nível social, assim como estabelecer e manter amizades (Colonnesi et al., 2011). Por oposição, crianças com padrões de vinculação inseguros demonstram menores níveis de competência social (Veríssimo et al., 2011).

Esta questão surge, deste modo, intrinsecamente relacionada com a ansiedade social, na medida em que, por consequência do estabelecimento de padrões de vinculação inseguros com as figuras parentais, crianças com sintomatologia associada à ansiedade social revelam poucas capacidades de socialização, culminando numa menor aceitação por parte dos pares, baixos níveis de intimidade nas amizades e elevada sensação de solidão (Scharf et al., 2016). Neste sentido, é possível concluir com base em evidência empírica que padrões de vinculação inseguros com ambas as figuras parentais contribuem fortemente para o risco de problemáticas ao nível socioemocional (Verschueren, 2019).

Em suma, os estudos realizados têm demonstrado que indivíduos que estabelecem vínculos seguros demonstram um menor risco de desenvolver ansiedade nas suas mais variadas formas, com exceção de ansiedade de separação (Brumariu & Kerns, 2010). Estes indivíduos revelam, assim, uma autoestima, confiança e intimidade interpessoal mais elevada, possuindo estratégias de regulação emocional mais adaptativas, bem como uma maior competência social, o que conduz ao estabelecimento e manutenção de relações mais saudáveis e duradouras (Tamannaifar & Sanatkarfar, 2017; Thompson, 2018).

#### *2.4. Presente Estudo*

A presente investigação procura estudar a representação de vinculação na relação com a figura materna durante a infância e o posterior desenvolvimento de ansiedade social em idade adulta. Deste modo, para aferir a relevância desta relação no desenvolvimento de ansiedade social, os resultados obtidos em relação à figura materna serão comparados aos resultados obtidos em relação à figura paterna.

Assim sendo, uma vez que de acordo com a literatura já mencionada se observa uma relação entre os padrões de vinculação e perturbações de ansiedade com uma vertente social (Colonnesi et al., 2011), será introduzida para análise uma terceira variável, correspondendo esta à perturbação obsessivo-compulsiva. Esta, por se tratar de uma perturbação de ansiedade sem vertente social permitirá aferir, ou não, a correlação já observada em estudos anteriores, assim como testar as hipóteses em estudo. Mais ainda, uma vez que na literatura não existe consenso no que concerne a uma mais forte associação entre o padrão de vinculação inseguro-ambivalente e a ansiedade social em comparação ao padrão de vinculação inseguro-evitante

(Brumariu & Kerns, 2008), esta relação será, igualmente, testada. Por conseguinte, apresentam-se para análise as seguintes hipóteses:

1. Os padrões de vinculação mãe-criança contribuem positivamente para a ansiedade social.
2. Os padrões de vinculação inseguros (ambivalente e evitante) relacionam-se positivamente com o desenvolvimento de ansiedade social.
3. O padrão de vinculação inseguro-ambivalente está mais fortemente associado ao desenvolvimento de ansiedade social em comparação ao padrão de vinculação inseguro-evitante.
4. Os padrões de vinculação mãe-criança estão mais positivamente associados à ansiedade social em comparação à perturbação obsessivo-compulsiva.

Importa salientar que ainda que seja possível a categorização da vinculação de acordo com quatro padrões distintos – seguro; inseguro-ambivalente; inseguro-evitante; inseguro-desorganizado – este último, não será tido em consideração na análise em estudo, uma vez que se prende com um padrão de vinculação mais raro (Vieira & Machado, 2010), geralmente associado a situações relacionadas com o abuso e maus tratos na infância, sendo a figura cuidadora simultaneamente fonte de ameaça, isto é, o abusador (Dalbem & Dell'Aglio, 2005). Adicionalmente, uma vez que o padrão de vinculação desorganizado surge mais frequentemente associado ao desenvolvimento de perturbações persistentes de conduta (Vieira & Machado, 2010), distancia-se dos objetivos do presente estudo, não se revelando, deste modo, pertinente para a investigação.

Este projeto de investigação revela-se pertinente na medida em que os resultados contribuirão para o conhecimento de possíveis fatores de risco para o desenvolvimento de ansiedade social, assim como os aspetos que contribuem para a sua manutenção. Adicionalmente, no que concerne a uma perspetiva de intervenção, permitirá compreender os mecanismos subjacentes à patologia, sendo ajustado o tipo de intervenção em função dos diferentes padrões de vinculação, assim como das necessidades e reestruturações que estes exigem. Por fim, ao nível da clínica infantil, poderá contribuir para a prevenção da patologia, na medida em que em função do padrão de vinculação que a criança estabelece com a sua progenitora no decorrer da infância, será possível identificar as que se encontram expostas a

um maior risco de a vir a desenvolver, assim como possíveis comorbidades associadas. Como tal, podem ser desenvolvidas estratégias preventivas, sendo que quanto mais cedo a problemática for trabalhada, maior também a probabilidade de mudança.

### III. MÉTODO

#### 3.1. Participantes

A presente investigação trata-se de um estudo de cariz comparativo com um delineamento transversal. No que concerne aos participantes, trata-se de uma amostra por conveniência e, como tal, não-probabilística (Ribeiro, 2010), visto terem sido selecionados participantes que preenchessem os critérios de inclusão previamente estabelecidos: idade igual ou superior a 18 anos; e estabelecimento de contacto com ambas as figuras parentais durante a infância.

A recolha da amostra do corrente estudo decorreu entre os dias 7 de Janeiro de 2022 e 16 de Fevereiro de 2022, através de plataformas eletrónicas, nomeadamente diversos grupos de *facebook*, tendo os questionários sido respondidos virtualmente. Dos 1520 participantes iniciais, 5 foram excluídos por apresentarem idade inferior a 18 anos e outros 49 participantes (3.2%) foram igualmente removidos por não preencherem o requisito de relação com ambas as figuras parentais durante a infância. Adicionalmente, 6 participantes (0.4%) foram excluídos por declinarem o consentimento informado e, posteriormente, mais 4 participantes foram removidos por não se demonstrar possível classificar os seus padrões de vinculação durante a infância.

A amostra do presente estudo é, assim, constituída por 1456 participantes dos quais 1276 do sexo feminino (87.6%) e 180 do sexo masculino (12.4%), com idades compreendidas entre os 18 e os 85 anos, correspondendo a média de idades a 40.64 ( $DP = 12.31$ ). Da totalidade da amostra, 1376 participantes são de nacionalidade Portuguesa contabilizando a maioria (94.5%), correspondendo os restantes 5.5% a variadas nacionalidades.

No que diz respeito às habilitações literárias, 515 dos participantes (35.4%) possuem o Ensino Secundário (12º ano) correspondendo estes à maioria, seguidos de 509 participantes (35%) com Licenciatura, 215 participantes (14.8%) com o Mestrado e 133 participantes (9.1%) com o 3º Ciclo (9º ano), sendo estas as percentagens mais prevalentes.

Relativamente à profissão atual, 136 dos participantes são estudantes (9.3%); 98 participantes estão desempregados (6.7%); 92 participantes são professores(as) (6.3%); 65 participantes trabalham na administração pública (4.5%); e 63 participantes já se encontram reformados (4.3%), correspondendo estas às percentagens mais significativas.

Por fim, no que concerne ao estado civil, 570 dos participantes são casados (39.1%); 364 estão solteiros (25%); 328 encontram-se em união de facto (22.5%); 155 dos participantes estão divorciados (10.6%); 18 estão viúvos (1.2%); 14 encontram-se num relacionamento (1%); 6 participantes estão separados (0.4%); e 1 participante encontra-se noivo (0.1%).

### 3.2. Instrumentos

#### 3.2.1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)

De modo a avaliar as representações de vinculação com a figura materna foi aplicado o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)* desenvolvido por Matos e Costa (2001) para adolescentes e jovens adultos, mas também aplicável em população adulta. Deste modo, trata-se de um questionário de autorrelato composto por 30 itens distribuídos equitativamente por 3 dimensões, nomeadamente: Ansiedade de Separação (AS); Inibição da Exploração e Individualidade (IEI); e Qualidade do Laço Emocional (QLE).

A construção deste questionário assenta nas bases teóricas de Bowlby e Ainsworth e permite aceder à vinculação numa abordagem dimensional e prototípica para cada um dos progenitores, tendo em conta os padrões de vinculação apresentados por Bartholomew (1991): seguro, desinvestido, preocupado e amedrontado. Por conseguinte, no presente estudo os grupos foram denominados por seguro, ambivalente, evitante e desorganizado com base no modelo de Ainsworth (2015) para os padrões de vinculação na infância, equivalentes aos protótipos de vinculação de Bartholomew (1991) para a idade adulta.

Na dimensão da Ansiedade de Separação os itens permitem avaliar a perceção do sujeito no que concerne a experiências de ansiedade e medo de separação da figura parental de vinculação como, por exemplo, *“Eu e os meus pais, é como se fôssemos um só.”*. Por sua vez, a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, com itens como: *“Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas”*, procura avaliar a perceção do indivíduo relativamente às restrições à expressão da sua individualidade. Por fim, a dimensão da Qualidade do Laço Emocional visa avaliar a importância da figura parental enquanto figura de vinculação através de itens como: *“Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.”*. Cada dimensão é composta por um total de 10 itens pontuados numa escala de Likert de 6 pontos, na qual o 1 corresponde a *“Discordo Totalmente”* e o 6 a *“Concordo Totalmente”*.

No que concerne às suas propriedades psicométricas, este questionário apresenta valores de consistência interna adequados tanto para populações de adolescentes e jovens adultos – com valores entre 0.76 e 0.92 para as dimensões referentes à mãe e entre 0.78 e 0.95 para as dimensões correspondentes ao pai –, como para a população adulta – com valores variando entre 0.74 e 0.92 para as dimensões referentes à mãe e entre 0.79 e 0.89 para as dimensões que correspondem ao pai. Deste modo, revela-se uma medida fiável da vinculação ao pai e à mãe (Gouveia & Matos, 2011).

No presente estudo, este instrumento apresenta, igualmente, valores de consistência interna bastante adequados. A subdimensão Ansiedade de Separação apresenta valores de 0.82 para a mãe revelando uma boa consistência interna. Já na subdimensão Inibição da Exploração e Individualidade, a escala apresenta um valor de 0.90 em relação à mãe revelando uma consistência interna muito boa. Por sua vez, no que concerne ao pai as subdimensões Ansiedade de Separação e Inibição da Exploração e Individualidade, apresentam valores de 0.84 e 0.88, revelando, de igual modo, boa consistência interna. Por fim, a subdimensão Qualidade do Laço Emocional apresenta valores de 0.95 para a mãe, bem como para o pai, revelando uma consistência interna muito boa.

### 3.2.2. *Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO)*

Para avaliar os níveis de ansiedade social presentes nos indivíduos recorreu-se ao *Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO)*, versão portuguesa do original *Social Anxiety Questionnaire for Adults (SAQ-A)* de Caballo, Salazar, Iruña, Arias e Hofmann (2010), adaptado para a população brasileira por Caballo, Salazar, Nobre-Sandoval, Wagner, Arias e Lourenço (2017). Trata-se de um questionário de autorrelato composto por 30 itens com vista a avaliar 5 dimensões distintas da ansiedade social, das quais: falar em público/interação com pessoas em posição de autoridade; interação com pessoas desconhecidas; interação com o sexo oposto; expressão assertiva de incómodo, desagrado ou raiva; e ficar em evidência ou fazer papel de ridículo. Estas, por sua vez, são compostas por 6 itens cada, pontuados numa escala de Likert de 5 pontos que procura acessar o nível de mal-estar, tensão ou nervosismo dos sujeitos perante diversas situações sociais – como por exemplo: “*Cumprimentar uma pessoa e não ser correspondido/a*” – na qual o 1 corresponde a “Nenhum ou muito pouco mal-estar, tensão ou nervosismo” e o 5 a “Muito ou muitíssimo

mal-estar, tensão ou nervosismo”. Deste modo, é possível obter um resultado individual para cada uma das dimensões avaliadas, assim como uma pontuação total da escala.

Este questionário apresenta uma consistência interna alta de 0.92 para a escala total, assim como para as 5 dimensões avaliadas cujos valores variam entre 0.77 e 0.84, atestando a inter-relação entre os itens das diferentes categorias, assim como a homogeneidade de cada dimensão. De igual modo, apresenta uma confiabilidade com um valor de 0.93, revelando, assim, propriedades psicométricas adequadas (Caballo et al., 2017). No presente estudo apresenta valores de alfa entre 0.80 e 0.89 para todas as dimensões, revelando boa consistência interna.

### 3.2.3. *Inventário Obsessivo de Coimbra (IOC-R)*

De modo a avaliar a presença de sintomatologia obsessivo-compulsiva nos participantes foi utilizada a versão reduzida do *Inventário Obsessivo de Coimbra (IOC-R)* desenvolvido por Galhardo, Anastácio, Cunha, Cardoso e Pinto-Gouveia (2020) para a população portuguesa. Trata-se de um questionário de autorresposta com vista a acessar o nível de perturbação emocional de sintomas obsessivo-compulsivos, composto por 19 itens que se distribuem por 5 subescalas: contaminação/lavagem; indecisão/lentidão; verificação repetida/acumulação; conteúdos imorais; e pensamento mágico. Estes itens são, por sua vez, pontuados numa escala de Likert de 5 pontos : 0 – Não me perturba absolutamente nada; 1 – Perturba-me um pouco; 2 – Perturba-me bastante; 3 – Perturba-me muito; e 4 – Perturba-me muitíssimo; permitindo obter um *score* total para a escala.

No que concerne às suas qualidades psicométricas, o IOC-R apresenta valores adequados e idênticos aos da escala original, revelando uma consistência interna alta correspondente a um valor de 0.93 para a escala total. De igual modo, todas as subescalas apresentam uma boa consistência interna, com valores que variam entre 0.84 e 0.88, com exceção das dimensões “verificação repetida/acumulação” e “conteúdos imorais” que apresentam uma qualidade razoável de 0.76 e 0.70 respetivamente. Importa, ainda, salientar a forte associação entre a versão reduzida do inventário (IOC-R) e a versão longa original (IOC), indicador de que a versão mais breve se revela igualmente adequada para a avaliação das diferentes dimensões associadas à sintomatologia obsessivo-compulsiva (Galhardo et al., 2020). Na presente investigação, as subdimensões indecisão/lentidão, verificação repetida/acumulação e conteúdos imorais apresentam valores de consistência interna de 0.75,

0.78 e 0.74 respetivamente, revelando-se de qualidade razoável. No que concerne às restantes subdimensões – contaminação/lavagem e pensamento mágico – revelam uma boa consistência interna com valores de 0.85 e 0.86 respetivamente.

#### *3.2.4. Questionário Sociodemográfico*

Para finalizar, foi solicitado aos participantes o preenchimento de um questionário sociodemográfico composto por 6 questões com vista a acessar as características sociodemográficas da amostra, nomeadamente a idade, género, nacionalidade, habilitações literárias, profissão atual e estado civil, permitindo a sua caracterização. Este poderá ser encontrado na secção de anexos (Anexo A).

### *3.3.Procedimento*

Inicialmente, foi realizado o pedido das escalas aos respetivos autores, tendo sido realizado um formulário *online* no Google Forms a aplicar, posteriormente, aos participantes do estudo. Após desenvolvido o formulário foi, então, realizado um teste piloto com 2 indivíduos, cujas respostas foram imediatamente excluídas, não sendo contabilizadas para os resultados finais.

Anteriormente à aplicação dos questionários foi estabelecido contacto com diversos grupos de *facebook* – alguns dos quais relacionados com a ansiedade social – nos quais foi explicitado o objetivo do estudo e o âmbito no qual o mesmo decorre, sendo solicitado aos membros dos grupos a sua colaboração através do preenchimento do formulário desenvolvido. Previamente à aplicação dos questionários foi apresentado aos participantes um Consentimento Informado (Anexo B) no qual foi reforçado que a sua participação é voluntária, tendo sido, de igual modo, assegurada total confidencialidade e anonimato dos dados, assim como o seu direito à interrupção de participação a qualquer momento do estudo sem prejuízo. Adicionalmente, para além de todas as informações referentes à participação, foi também mencionado o objetivo do projeto de investigação, assim como os critérios necessários para a participação no mesmo.

Seguidamente ao consentimento informado foi apresentada aos participantes uma secção de Explicação do Enquadramento Familiar (Anexo C) na qual teriam que confirmar que haviam tido contacto com ambas as figuras parentais durante a sua infância. Nesta secção foi informado aos participantes que este contacto não implicava que vivessem com ambas as figuras parentais na mesma casa, que estas podiam estar divorciadas ou que possam já ter falecido na atualidade. Foi, ainda, denotado que não era necessário que as suas figuras parentais correspondessem aos seus pais biológicos, dando liberdade ao participante de escolher aquelas que identifica como sendo as suas figuras materna e paterna. Esta secção permitiu, assim, assegurar um dos critérios de inclusão necessários para a participação no estudo, uma vez que apenas permitiria avançar para o questionário os participantes que confirmassem a existência de contacto com ambas as figuras parentais durante a infância.

Após a sua disponibilização para participação no estudo foram, então, administrados três questionários de avaliação das variáveis em estudo pela seguinte ordem de importância: *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*, *Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO)* e o *Inventário Obsessivo de Coimbra – versão reduzida (IOC-R)*. Por fim, foi aplicado a todos os indivíduos um questionário sociodemográfico.

Após terminada a recolha de dados foi, então, construída uma base de dados procedendo-se ao seu tratamento estatístico utilizando o Software IBM SPSS Statistics 27, com vista a verificar as qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados, assim como a veracidade das hipóteses em estudo.

#### IV. RESULTADOS

Com vista a agrupar os participantes de acordo com os seus protótipos de vinculação procedeu-se ao cálculo das médias para cada uma das 3 dimensões do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM*, individualmente para o pai e para a mãe. Para tal, foram utilizadas as regras de cotação da escala disponibilizadas no manual desenvolvido por Gouveia e Matos (2011). Ainda assim, verificou-se necessária a realização de alguns ajustes no que concerne à cotação dos resultados obtidos, uma vez que nem todos os participantes apresentaram valores acima da média, isto é, acima de 5 valores em concordância com o número total de itens de cada subdimensão. Para estes casos, ainda que os resultados obtidos tenham sido inferiores à média, as regras originais da escala foram aplicadas de igual forma. Adicionalmente, os participantes com resultados idênticos em todas as subdimensões da escala foram excluídos uma vez não ser possível a sua categorização.

No que concerne à vinculação com a figura materna (Tabela 1), observa-se uma prevalência significativa de sujeitos com um padrão de vinculação seguro que apresentaram valores médios inferiores de Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de Separação, juntamente com valores médios superiores de Qualidade do Laço Emocional. O padrão de vinculação evitante surge com a segunda maior prevalência, cujos participantes apresentaram valores médios inferiores de Ansiedade de Separação e de Qualidade do Laço Emocional, bem como valores elevados de Inibição da Exploração e Individualidade. Surge em seguida o padrão de vinculação ambivalente com valores médios visivelmente superiores de Ansiedade de Separação, assim como valores médios superiores de Qualidade do Laço Emocional. Por fim, o padrão de vinculação desorganizado revela a menor percentagem apresentando valores elevados de Inibição de Exploração da Individualidade e de Ansiedade de Separação.

Relativamente à vinculação com a figura paterna (Tabela 1), é assinalável uma maioria de sujeitos com um padrão de vinculação Seguro, seguindo-se o padrão de vinculação evitante. O padrão de vinculação ambivalente surge como a terceira percentagem mais prevalente e, por fim, o padrão de vinculação desorganizado revela a menor percentagem.

**Tabela 1***Distribuição da Amostra por Padrão de Vinculação*

Padrão de Vinculação	Frequência		Porcentagem	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Seguro	1059	1043	72.7	71.6
Ambivalente	111	92	7.6	6.3
Evitante	268	299	18.4	20.5
Desorganizado	18	22	1.2	1.5

Com base na categorização realizada não foram observadas diferenças significativas entre os padrões de vinculação estabelecidos por parte dos participantes com a figura materna e com a figura paterna durante a infância, correspondendo a percentagem mais prevalente para ambos ao padrão de vinculação seguro. Seguidamente, em ambos os casos o padrão de vinculação evitante surge com a percentagem mais acentuada ainda que seja ligeiramente mais elevada em relação ao pai comparativamente à mãe. No mesmo sentido, o padrão de vinculação ambivalente revela-se o terceiro mais predominante tanto para o pai, como para a mãe ainda que, no caso desta última, a percentagem seja ligeiramente superior em comparação ao pai. Por fim, para ambas as figuras parentais foi obtida uma percentagem pouco expressiva no que concerne ao padrão de vinculação desorganizado.

#### *4.1. Efeito dos padrões de vinculação mãe-criança na ansiedade social*

Com vista a confirmar ou infirmar a primeira hipótese em estudo que defende que os padrões de vinculação mãe-criança contribuem positivamente para a ansiedade social, foi realizada uma análise de variâncias com recurso a uma ANOVA one-way, individualmente para a figura materna e para a figura paterna.

Para tal, foi primeiramente testado o pressuposto da normalidade para ambas as variáveis dependentes, com recurso ao teste de Kolmogorov-Smirnov uma vez que se trata de uma amostra de dimensão superior a 30 participantes. De igual modo, foi testado o pressuposto da homogeneidade para ambas as figuras parentais com recurso ao teste de Levene. Com base nos resultados obtidos é possível denotar que os pressupostos da normalidade ( $p = 0.112$ ) e homogeneidade ( $p = 0.286$  – Mãe;  $p = 0.143$  – Pai) se confirmam apenas para a variável ansiedade social. Ainda assim, de acordo com o Teorema do Limite Central assume-se que em amostras de dimensão razoável, isto é, superiores a 30 participantes, a distribuição tende para a normalidade (Maroco, 2007). Deste modo, ainda que o pressuposto da normalidade não seja verificado para a perturbação obsessivo-compulsiva, dada a dimensão da amostra em estudo, revela-se possível a utilização de um teste paramétrico (Maroco, 2007).

No que concerne à figura materna (Tabela 2) é possível observar que relativamente aos resultados médios obtidos no *Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO)*, o grupo de sujeitos com um padrão de vinculação seguro com a figura materna durante a infância apresentou níveis médios de ansiedade social inferiores aos restantes padrões de vinculação inseguros – ambivalente, evitante e desorganizado. Neste sentido, os resultados obtidos com recurso à ANOVA one-way denotam a presença de diferenças significativas –  $F(3, 1452) = 10.01, p < 0.001$  – sendo possível aferir a existência de diferenças entre grupos. Como tal, os padrões de vinculação, nomeadamente diferenças nestes, contribuem positivamente para níveis de ansiedade social mais elevados confirmando, assim, a primeira hipótese em estudo.

De igual modo, a mesma análise foi realizada em relação à figura paterna (Tabela 2), sendo possível denotar resultados semelhantes aos obtidos em relação à figura materna. Neste sentido, o grupo de sujeitos com um padrão de vinculação seguro com a figura paterna durante a infância apresentou níveis médios de ansiedade social inferiores aos padrões de vinculação ambivalente e evitante, com particular significância comparativamente ao padrão de vinculação desorganizado. Subsequentemente, os resultados denotam diferenças significativas entre grupos –  $F(3, 1452) = 11.43, p < 0.001$  – sendo possível aferir que os padrões de vinculação com a figura paterna e diferenças nestes, contribuem positivamente para níveis de ansiedade social mais elevados, resultados estes em conformidade com os obtidos em relação à figura materna.

**Tabela 2***Médias de Ansiedade Social por Padrão de Vinculação*

Padrão de Vinculação	<i>M</i>		<i>DP</i>	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Seguro	85.51	85.54	23.614	23.368
Ambivalente	95.72	95.40	25.136	26.065
Evitante	91.31	90.57	25.091	25.392
Desorganizado	97.17	105.45	20.884	21.398

#### 4.2. Efeito dos padrões de vinculação inseguros (ambivalente e evitante) e a ansiedade social

De forma a verificar se os padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante se relacionam positivamente com o desenvolvimento de ansiedade social, para além da análise de variâncias já anteriormente interpretada, foi realizado um teste *post-hoc* com vista a identificar os grupos nos quais residem diferenças significativas.

No que concerne à figura materna (Tabela 3) os resultados das comparações múltiplas realizadas com recurso ao teste Tukey HSD revelam diferenças significativas entre o padrão de vinculação seguro e os padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante ( $p < 0.05$ ). Neste sentido, o padrão de vinculação seguro apresenta valores de ansiedade social inferiores aos obtidos no padrão de vinculação ambivalente ( $p < 0.001$ ), bem como no padrão de vinculação evitante ( $p = 0.002$ ). Esta diferença não é, contudo, observável no que concerne ao padrão de vinculação inseguro desorganizado ( $p = 0.172$ ).

Com base nos resultados obtidos é, então, possível confirmar a hipótese em análise, na medida em que se observam diferenças significativas entre o padrão de vinculação seguro e os padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante, com os últimos a revelar níveis mais elevados de ansiedade social, comprovando assim a associação entre ambas as variáveis.

**Tabela 3***Comparações Post Hoc – Mãe*

Comparação				
Padrão de Vinculação	Padrão de Vinculação	Diferença Média	<i>DP</i>	<i>p</i>
Seguro	Ambivalente	-10.21458*	2.39246	.000
	Evitante	-5.79983*	1.63976	.002
	Desorganizado	-11.66053	5.70013	.172
Ambivalente	Seguro	10.21458*	2.39246	.000
	Evitante	4.41475	2.70677	.361
	Desorganizado	-1.44595	6.09338	.995
Evitante	Seguro	5.79983*	1.63976	.002
	Ambivalente	-4.41475	2.70677	.361
	Desorganizado	-5.86070	5.83903	.747
Desorganizado	Seguro	11.66053	5.70013	.172
	Ambivalente	1.44595	6.09338	.995
	Evitante	5.86070	5.83903	.747

Relativamente à figura paterna (Tabela 4), foi realizada a mesma análise, tendo os resultados das comparações múltiplas realizadas com recurso ao teste Tukey HSD revelado, semelhantemente ao já observado com a figura materna, diferenças significativas entre o padrão de vinculação seguro e os padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante ( $p < 0.05$ ). Como tal, indivíduos com um padrão de vinculação seguro apresentam valores de ansiedade social inferiores aos obtidos por indivíduos com um padrão de vinculação

ambivalente ( $p = 0.001$ ), bem como com um padrão de vinculação evitante ( $p = 0.008$ ). Deste modo, observam-se diferenças significativas entre o padrão de vinculação seguro e os padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante, revelando estes últimos níveis mais elevados de ansiedade social em função do padrão de vinculação estabelecido com a figura paterna, comprovando a associação entre ambas as variáveis.

Adicionalmente, ainda que – na sequência da hipótese em análise – o padrão de vinculação inseguro desorganizado não seja considerado, importa salientar que ao contrário do observável na análise realizada relativamente à figura materna, no que diz respeito à figura paterna é igualmente notável uma diferença significativa entre o padrão de vinculação seguro e o padrão de vinculação inseguro desorganizado ( $p = 0.001$ ).

#### **Tabela 4**

##### *Comparações Post Hoc – Pai*

Comparação				
Padrão de Vinculação	Padrão de Vinculação	Diferença Média	<i>DP</i>	<i>p</i>
Seguro	Ambivalente	-9.86238*	2.60437	.001
	Evitante	-5.02877*	1.57086	.008
	Desorganizado	-19.91476*	5.15895	.001
Ambivalente	Seguro	9.86238*	2.60437	.001
	Evitante	4.83361	2.85495	.328
	Desorganizado	-10.05237	5.68313	.289
Evitante	Seguro	5.02877*	1.57086	.008
	Ambivalente	-4.83361	2.85495	.328

	Desorganizado	-14.88598*	5.28988	.026
Desorganizado	Seguro	19.91476*	5.15895	.001
	Ambivalente	10.05237	5.68313	.289
	Evitante	14.88598*	5.28988	.026

---

#### 4.3. Diferenças no efeito do padrão de vinculação inseguro-ambivalente e do padrão de vinculação inseguro-evitante na ansiedade social

Com vista a verificar se existem diferenças significativas entre o padrão de vinculação ambivalente e o padrão de vinculação evitante relativamente ao seu impacto no desenvolvimento de ansiedade social, hipotetizando-se que o padrão de vinculação inseguro-ambivalente está mais fortemente associado ao desenvolvimento de ansiedade social em comparação ao padrão de vinculação inseguro-evitante, foi realizada uma análise *post-hoc*.

No que concerne à figura materna (Tabela 3) os resultados das comparações múltiplas realizadas com recurso ao teste Tukey HSD revelam que não existem diferenças significativas ( $p = 0.361$ ) entre o padrão de vinculação ambivalente e o padrão de vinculação evitante no que diz respeito ao seu impacto no desenvolvimento de ansiedade social. Adicionalmente, é possível observar que, contrariamente ao esperado, o padrão de vinculação evitante apresenta médias de ansiedade social ligeiramente superiores às apresentadas pelo padrão de vinculação ambivalente, ainda que com uma diferença de apenas 4.4 valores. Deste modo, não se revela possível afirmar que o padrão de vinculação ambivalente, por comparação ao padrão de vinculação evitante, se encontra mais positivamente associado ao desenvolvimento de ansiedade social, refutando, assim, a hipótese em estudo.

Não obstante, importa ainda salientar que com base na análise realizada não se verificam diferenças significativas entre os três padrões de vinculação inseguros – ambivalente, evitante e desorganizado. Adicionalmente, o padrão de vinculação desorganizado revela diferenças ainda menos significativas com o padrão de vinculação ambivalente ( $p = 0.995$ ), bem como com o padrão de vinculação evitante ( $p = 0.747$ ), do que estes dois últimos apresentam entre si.

Relativamente à figura paterna (Tabela 4) procedeu-se à mesma análise, tendo os resultados das comparações múltiplas realizadas com recurso ao teste Tukey HSD sido semelhantes aos obtidos em relação à figura materna. Neste sentido, não se observaram diferenças significativas ( $p = 0.328$ ) entre o padrão de vinculação ambivalente e o padrão de vinculação evitante no que concerne ao seu impacto no desenvolvimento de ansiedade social. Semelhantemente ao observado em relação à figura materna, é possível observar que o padrão de vinculação evitante apresenta médias de ansiedade social ligeiramente superiores às apresentadas pelo padrão de vinculação ambivalente, com uma diferença de 4.8 valores. Deste modo, não é igualmente possível afirmar que o padrão de vinculação ambivalente com a figura paterna se encontra mais positivamente associado ao desenvolvimento de ansiedade social.

Revela-se, ainda, pertinente salientar que com base na análise realizada não se verificaram diferenças significativas ( $p = 0.289$ ) entre o padrão de vinculação ambivalente e o padrão de vinculação desorganizado, semelhantemente aos resultados obtidos em relação à figura materna. Todavia, o mesmo não se verificou no que concerne às diferenças entre o padrão de vinculação evitante e o padrão de vinculação desorganizado sendo estas significativas ( $p = 0.026$ ).

#### *4.4. Efeito dos padrões de vinculação na ansiedade social e na perturbação obsessivo-compulsiva*

De modo a avaliar a quarta hipótese em estudo que postula que os padrões de vinculação mãe-criança estão mais positivamente associados à ansiedade social em comparação à perturbação obsessivo-compulsiva, foi realizada uma análise de variâncias com recurso a uma ANOVA one-way, individualmente para ambas as figuras parentais.

No que concerne à figura materna (Tabela 5) é observável a presença de diferenças significativas ( $p < 0.001$ ) entre os padrões de vinculação e a ansiedade social, bem como entre os padrões de vinculação e a perturbação obsessivo-compulsiva. Como tal, revela-se possível afirmar a existência de uma associação positiva entre os padrões de vinculação e a ansiedade social, bem como com a perturbação obsessivo-compulsiva.

Ainda assim, com vista a dar resposta à hipótese em estudo, é possível denotar que a perturbação obsessivo-compulsiva demonstra um efeito mais estatisticamente significativo, ainda que de pequena dimensão ( $F(3, 1452) = 16.94; p < 0.001; \eta^2 = 0.034$ ), por comparação à ansiedade social ( $F(3, 1452) = 10.01; p < 0.001; \eta^2 = 0.020$ ). Com base nos resultados obtidos, é, assim, possível afirmar que 3.4% da variação dos níveis de perturbação obsessivo-compulsiva é explicada pelas diferenças nos padrões de vinculação, percentagem esta superior à proporção de variação dos níveis ansiedade social (2%) explicável pelas diferenças nos padrões de vinculação. Assim sendo, com base no mencionado a hipótese em análise é refutada.

**Tabela 5**

*Análise de Variâncias dos Padrões de Vinculação na Relação Com a Figura Materna*

	<i>SQ</i>	<i>Df</i>	<i>QM</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>	$\eta^2$
AS						.020
Entre Grupos	17275.520	3	5758.507	10.01	.000	
Nos Grupos	835004.463	1452	575.072			
Total	852279.983	1455				
POC						.034
Entre Grupos	7323.096	3	2441.032	16,94	.000	
Nos Grupos	209249.365	1452	144.111			
Total	216572.462	1455				

*Nota.* AS = Ansiedade Social. POC = Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Relativamente à figura paterna (Tabela 6), os resultados surgem no mesmo sentido sendo possível denotar diferenças significativas ( $p < 0.001$ ) entre os padrões de vinculação e a ansiedade social, bem como com a perturbação obsessivo-compulsiva. Neste sentido, comparativamente à ansiedade social ( $F(3, 1452) = 11.43; p < 0.001; \eta^2 = 0.023$ ), a perturbação obsessivo-compulsiva apresenta um efeito estatisticamente mais significativo, contudo de pequena dimensão ( $F(3, 1452) = 15.67; p < 0.001; \eta^2 = 0.031$ ). Em concordância com os resultados obtidos em relação à figura materna, é possível afirmar que 3.1% da

variação nos níveis da perturbação obsessivo-compulsiva é explicada pelas diferenças nos padrões de vinculação, percentagem esta superior à proporção de variação dos níveis de ansiedade social (2%) explicável pelas diferenças nos padrões de vinculação.

**Tabela 6**

*Análise de Variâncias dos Padrões de Vinculação na Relação Com a Figura Paterna*

	<i>SQ</i>	<i>Df</i>	<i>QM</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>	$\eta^2$
AS						.023
Entre Grupos	19659.97	3	6553.32	11.43	.000	
Nos Grupos	832620.02	1452	573.43			
Total	852279.98	1455				
POC						.031
Entre Grupos	6792.10	3	2264.03	15.67	.000	
Nos Grupos	209780.36	1452	144.48			
Total	216572.46	1455				

*Nota.* AS = Ansiedade Social. POC = Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

## V. DISCUSSÃO

O presente projeto de investigação teve como principal objetivo explorar a influência dos padrões de vinculação com a figura materna durante a infância, no posterior desenvolvimento de ansiedade social em idade adulta, partindo-se do pressuposto de que uma associação positiva se verificaria.

No que diz respeito à primeira hipótese, era esperada uma associação positiva entre os padrões de vinculação estabelecidos com a figura materna durante a infância e o desenvolvimento de ansiedade social, tendo esta sido comprovada. Neste sentido, estes resultados surgem em concordância com os dados obtidos em vários estudos anteriormente realizados e sintetizados numa revisão sistemática realizada por (Manning et al., 2017) com vista a explorar o papel da vinculação em idade adulta e a ansiedade social. Concomitantemente, vários outros estudos, alguns dos quais realizados por Scharf et al. (2016), Tamannaefar e Sanatkarfar (2017) e Brumariu e Kerns (2008), revelaram uma associação negativa entre um padrão de vinculação seguro e a ansiedade social, sendo que, de acordo com o estudo de Öztürk e Mutlu (2010) realizado com estudantes universitários, os níveis de ansiedade social variam em função do padrão de vinculação do indivíduo.

No seguimento da hipótese anterior, com a segunda hipótese em estudo era esperado que, por comparação ao padrão de vinculação seguro, os padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante se relacionassem mais positivamente com o desenvolvimento de ansiedade social, tendo esta relação sido comprovada.

Estudos anteriores que procuraram investigar a associação entre padrões de vinculação inseguros e perturbações de ansiedade (Bar-Haim et al., 2007; Brumariu et al., 2012; Brumariu & Kerns, 2010; Schimmenti & Bifulco, 2015; Silva & Costa, 2005; Warren 1997) verificaram um maior risco para o desenvolvimento de perturbações de ansiedade e sintomatologia a estas associadas na presença de padrões de vinculação inseguros. De igual modo, um estudo realizado por Eng et al. (2001) com sujeitos clinicamente diagnosticados com ansiedade social evidenciou níveis mais severos da patologia em participantes com padrões de vinculação inseguros por comparação a participantes com vinculações seguras, resultados estes em concordância com os obtidos em vários outros estudos que aprofundaram a associação entre os padrões de vinculação inseguros e a ansiedade social (Brumariu & Kerns, 2008; Eng et al., 2001; Papini et. al, 1991; Scharf et al., 2016; Tamannaefar &

Sanatkarfar, 2017). Neste sentido, os resultados da presente investigação expandem a literatura já existente, comprovando a existência de uma associação positiva entre os padrões de vinculação inseguros e a ansiedade social, constituindo-se estes um fator de risco para o desenvolvimento da mesma.

Uma vez hipotetizada a existência de uma associação positiva entre os padrões de vinculação inseguros e a ansiedade social, procurou-se, de igual modo, aprofundar a existência de diferenças significativas no impacto do padrão de vinculação inseguro-ambivalente e inseguro-evitante na mesma. Como tal, na terceira hipótese do presente estudo era hipotetizada uma mais forte associação entre o padrão de vinculação inseguro-ambivalente e a ansiedade social por comparação ao padrão de vinculação inseguro-evitante.

Ainda que em vários estudos realizados (Bar-Haim et al., 2007; Brumariu & Kerns, 2008; Warren 1997) tenha sido observada uma mais forte predisposição para o desenvolvimento de ansiedade social em indivíduos com um padrão de vinculação inseguro-ambivalente, esta associação não se verificou no presente estudo. Todavia, os resultados do presente estudo corroboram os resultados obtidos por Bohlin (2000) e Mickelson et al. (1997). Mickelson et al. (1997), recorrendo a uma vasta amostra representativa da população americana procuraram examinar a relação da vinculação adulta com diferentes variáveis, das quais se destaca a psicopatologia do adulto. Neste estudo, verificou-se uma associação positiva entre os padrões de vinculação inseguros – ambivalente e evitante – e a ansiedade social, não sendo observadas diferenças entre si. No mesmo sentido, Bohlin (2000) num estudo longitudinal com início aos 15 meses e término aos 8/9 anos, observou – por comparação a crianças com vinculações seguras – níveis de ansiedade social mais elevados em crianças com padrões de vinculação inseguros ambivalente e evitante, não sendo denotadas, contudo, diferenças entre si.

Assim sendo, os resultados obtidos na presente investigação, ainda que corroborem alguns dos estudos já mencionados, contrapõem outros tantos, fomentando a já existente inconsistência na literatura no que concerne a esta diferenciação ou ausência dela, não sendo possível, no caso do corrente estudo, confirmar esta associação.

Tal qual mencionado anteriormente, a corrente investigação procurou estudar a representação de vinculação na relação com a figura materna durante a infância e o desenvolvimento de ansiedade social em idade adulta. Do ponto de vista evolutivo,

tradicionalmente as mulheres assumem ativamente o papel de cuidadoras. Na atualidade, o envolvimento paterno tem vindo a aumentar, contudo, revela-se ainda inferior aquando comparado ao envolvimento materno (Bögels & Perotti, 2010). Tal surge em conformidade com a Teoria da Vinculação de Bowlby (1969) segundo o qual a mãe se constitui enquanto principal cuidadora e, conseqüentemente, principal figura de vinculação. Mais ainda, de acordo com a teoria mencionada, a sensibilidade materna corresponde a um dos principais promotores da qualidade de vinculação mãe-criança (Fitton, 2012), principal precursor para o desenvolvimento de uma vinculação segura (Dawson, 2018). Todavia, ainda que o papel do pai se tenha configurado ambíguo na formulação inicial da sua teoria, Bowlby não descora a importância do pai enquanto figura de vinculação (Veríssimo et al., 2011).

Com base no supracitado, o foco principal do presente estudo recai sobre a vinculação com a figura materna. Como tal, os resultados das análises realizadas relativamente à figura materna foram comparados aos resultados obtidos para a figura paterna, partindo-se do pressuposto de que existiriam diferenças significativas nos resultados, que apontariam para uma maior influência dos padrões de vinculação com a figura materna no desenvolvimento de ansiedade social, por comparação aos padrões de vinculação estabelecidos com a figura paterna. Ainda assim, contrariamente ao esperado, não se verificaram diferenças significativas entre os resultados obtidos para ambas as figuras parentais, colocando em questão a que se deve a ausência expressa destas diferenças entre ambos, uma vez que a figura materna tem sido apontada na literatura como primordialmente crucial para a vinculação da criança e, conseqüentemente, para o seu adequado e harmonioso desenvolvimento. Seguidamente, serão, então, exploradas possíveis hipóteses explicativas para os resultados obtidos.

Dada a grande extensividade de estudos realizados cujo foco recai sobre a vinculação com a figura materna, vários estudos deslocaram o foco de investigação para a vinculação com a figura paterna com vista a combater a precariedade de estudos sobre a mesma. Neste sentido, a literatura tem vindo a demonstrar que, apesar de a criança estabelecer uma relação de vinculação com ambas as figuras parentais, esta ocorre de maneira diferente (Goodsell & Meldrum, 2010), uma vez que a relação de vinculação se constitui como algo específico a cada díade, podendo variar em função da figura de vinculação (Kamza, 2019). Deste modo, a vinculação com a figura materna e com a figura paterna pode variar, uma vez que a forma como estes interagem com a criança desde o momento do seu nascimento se revela também ela distinta, ainda que ambas se complementem (Olsavsky et al., 2019).

Tal qual mencionado anteriormente, estudos têm evidenciado que um dos principais precursores da qualidade da vinculação mãe-criança se prende com a sensibilidade materna (Kamza, 2019). Todavia, a interação física no âmbito do lúdico estabelecida entre o pai e a criança tem sido apontada como um maior preditor do estabelecimento de uma vinculação segura pai-criança, por oposição à sensibilidade paterna (Notaro & Volling, 1999). Enquanto que a relação com a figura materna é mais sustentada pelo contacto físico, o conforto e os afetos (Fernandes et al., 2019), a relação com a figura paterna é direccionada para a exploração do mundo exterior, bem como para os seus perigos (Olsavsky et al., 2019).

Por conseguinte, estudos evidenciam que a vinculação às figuras parentais irá promover o desenvolvimento de domínios distintos, específicos a cada progenitor (Fernandes et al., 2019). Por um lado, a mãe funciona, tendencialmente, como base segura à qual a criança pode regressar em caso de perigo ou necessidade de cuidados (Bögels & Perotti, 2010; Kamza, 2019) contribuindo para a aquisição de competências emocionais (Fernandes et al., 2019). Por outro lado, o pai surge enquanto base segura e companheiro de brincadeira (Bögels & Perotti, 2010; Kamza, 2019), expondo a criança a desafios e promovendo a aquisição de estratégias que esta posteriormente poderá usar em contextos sociais distintos (Fernandes et al., 2019). Assim sendo, ainda que os antecedentes de uma vinculação segura com ambas as figuras parentais possam diferir (Notaro & Volling, 1999) estes processos de sensação de segurança na relação com a mãe e de exploração do mundo na relação com o pai são complementares (Olsavsky et al., 2019) constituindo a base do desenvolvimento saudável da criança (Cabrera, 2019).

Com base no supracitado, a ausência de diferenças significativas entre os resultados obtidos para a figura materna e para a figura paterna no presente estudo poderão ser explicadas pelo facto de o estabelecimento de uma relação de vinculação com ambas as figuras parentais se sustentar em domínios distintos. Neste sentido, ainda que para o estabelecimento de uma vinculação com a mãe, principal figura de vinculação, a sensibilidade materna constitua um fator essencial, no que concerne à figura paterna tal não tem sido evidenciado, sobrepondo-se o envolvimento físico por via do lúdico para que uma vinculação segura seja estabelecida.

A hipótese explicativa anteriormente levantada é fomentada pelo facto de todos os participantes do presente estudo terem estabelecido contacto com ambas as figuras parentais durante a infância. Como tal, a maioritária representatividade de vinculações seguras

estabelecidas pelos participantes com ambas as figuras parentais durante a infância acautela um percurso desenvolvimental positivo, mesmo que os domínios nos quais esta vinculação se sustenta sejam distintos. Neste sentido, de acordo com a literatura, um pai menos sensível do ponto de vista dos cuidados e necessidades da criança não terá tanto impacto no seu desenvolvimento como teria caso esta ausência de sensibilidade se espelhasse na díade mãe-criança (Goodsell & Meldrum, 2010).

Adicionalmente, a ausência de diferenças significativas entre os resultados de ambas as figuras parentais poderá dever-se ao facto de a corrente investigação ter utilizado uma amostra comunitária. Neste sentido, a presente amostra poderá constituir-se muito normal e, como tal, a importância da figura materna tal qual era esperado não se revelou tão expressiva. Mais ainda, importa denotar que as representações de vinculação com ambas as figuras parentais durante a infância foram avaliadas retrospectivamente podendo não corresponder fidedignamente à real vivência dos participantes à época, uma vez que as perspetivas que adotamos face a uma relação se vão modificando progressivamente.

Não obstante, de acordo com a literatura, ainda que na presença de uma figura parental pouco responsiva e disponível resultando no estabelecimento de uma vinculação de tipo inseguro, a relação com a outra figura parental que exiba atitudes opostas, isto é, que se demonstre disponível e responsiva às necessidades da criança, pode configurar-se no estabelecimento de um vínculo seguro (George et al., 2010). Concomitantemente, estudos apontam ainda para o facto de, na presença de uma vinculação insegura com a figura materna, a relação com a figura paterna poder colmatar e compensar esta falha (Goodsell & Meldrum, 2010). Neste sentido, uma vez que no presente estudo foram apenas comparadas médias entre grupos no seu todo com vista a denotar diferenças significativas entre estes, em estudos futuros seria pertinente comparar os padrões de vinculação que cada participante, individualmente, estabeleceu com cada uma das figuras parentais durante a infância, com vista a aferir a existência ou não de diferenças nos padrões de vinculação estabelecidos que poderão, por sua vez, justificar a presença de diferenças nos níveis de ansiedade social demonstrados pelos participantes.

Por fim, no que concerne à última hipótese em estudo, era hipotetizada uma maior associação positiva entre os padrões de vinculação mãe-criança e a ansiedade social por comparação à perturbação obsessivo-compulsiva. Esta hipótese surge na sequência da sugestão presente na literatura que remete para a existência de uma maior associação entre a

vinculação e perturbações de ansiedade com uma vertente social (Colonnesi et al., 2011). Estudos realizados por Asad e Dawood (2015) e Tibi et al. (2017) surgem em conformidade com esta hipótese, demonstrando a ausência de uma associação entre os padrões de vinculação e a perturbação obsessivo-compulsiva. Asad e Dawood (2015) procuraram determinar os preditores dos sintomas associados à perturbação obsessivo-compulsiva, não tendo sido observadas relações significativas entre os mesmos e padrões de vinculação inseguros. No mesmo sentido, Tibi et al. (2017) não atribuem relevância ao papel dos padrões de vinculação no prognóstico de perturbação obsessivo-compulsiva.

Ainda assim, contrariamente ao esperado, os resultados do presente estudo refutam a hipótese em análise, uma vez que foi observada uma maior associação entre a vinculação e a perturbação obsessivo-compulsiva, por oposição à ansiedade social. Estes resultados surgem em conformidade com vários estudos realizados (e.g. Brown et al., 2007; Easterbrooks, 1989; Fernandes et al., 2019; Kamza, 2019; Notaro & Volling, 1999) que denotaram uma associação entre os padrões de vinculação inseguros e a perturbação obsessivo-compulsiva, apontando-os, ainda, como preditores da mesma, por oposição a um padrão de vinculação seguro que surge enquanto fator protetor.

Não obstante, os resultados obtidos poderão dever-se ao tipo de amostra do presente estudo, bem como às escalas utilizadas para a medição das patologias em análise. Neste sentido, uma vez que o estudo foi realizado com recurso a uma amostra comunitária e dado que a ansiedade social se constitui a perturbação de ansiedade mais comum em idade adulta (Ollendick & Hirshfeld-Becker, 2002), é possível que os participantes possam evidenciar características e/ou sintomatologia associada à ansiedade social no seu dia-a-dia, sem que esta se expresse a um nível patológico e incapacitante, não sendo, deste modo, clinicamente diagnosticados. Concomitantemente, o *Questionário de Ansiedade Social para Adultos (CASO)* avalia 5 dimensões específicas da ansiedade social que abrangem situações e contextos distintos, sendo, de igual modo, possível que alguns dos participantes expressem níveis mais elevados de ansiedade numa dimensão específica, inflacionando o *score* total obtido na escala, sem que seja, no entanto, uma ansiedade patológica generalizada a todas as dimensões da escala. Esta explicação é reforçada pelo facto de a ansiedade por si só não se revelar patológica, sendo, pelo contrário, adaptativa quando proporcional ao estímulo desencadeador (Ollendick & Hirshfeld-Becker, 2002). Por oposição, a perturbação obsessivo-compulsiva possui sintomatologia mais objetiva e específica, não tão facilmente passível de ser experienciada pela população geral no seu quotidiano. Deste modo, a escala utilizada para

medir a perturbação obsessivo-compulsiva poderá revelar-se mais sensível ao diagnóstico da mesma, assim como à sintomatologia a si associada, avaliando com maior precisão a presença ou não da patologia uma vez que, comparativamente à ansiedade social, não se constitui tão comum.

Em suma, os resultados obtidos na presente investigação e previamente apresentados expandem a literatura já existente, permitindo aferir que os padrões de vinculação estabelecidos com as figuras parentais durante a infância exercem influência no desenvolvimento da personalidade da criança podendo, mediante as suas experiências relacionais especialmente nos primeiros anos de vida, estruturar-se num percurso saudável e harmonioso ou, por oposição, num percurso desviante, conduzindo à psicopatologia (van Rosmalen et al., 2016). Neste sentido, o estabelecimento de uma vinculação segura durante a infância constitui-se um fator protetor contra o desenvolvimento de perturbações de ansiedade – nomeadamente de ansiedade social – (Dallaire & Weinraub, 2007) promovendo uma maior competência social e uma maior competência de regulação emocional que, por sua vez, facilitam o estabelecimento de relações interpessoais estáveis, seguras e duradouras, promovendo não só uma autoestima, autonomia e autoconceito positivo no sujeito, bem como um maior bem-estar (Tamannaefar & Sanatkarfar, 2017).

Contudo, ainda que com base nos resultados obtidos, bem como na literatura já existente, seja possível aferir uma relação de causalidade entre os padrões de vinculação e a ansiedade social, este não se constitui um fator único explicativo. Deste modo, a perturbação de ansiedade social revela-se multifatorial no que concerne às causas explicativas para o seu surgimento, podendo ser influenciado por vários outros fatores tais como genéticos, temperamentais e cognitivos, bem como por influências parentais e/ou eventos condicionantes ocorridos no percurso de vida da criança. Mais ainda, a literatura sugere a interação entre fatores biológicos e psicológicos como estando na base da ansiedade social, dependendo, como tal, também da experiência subjetiva de cada indivíduo (Ollendick & Hirshfeld-Becker, 2002).

Na sequência do supracitado, é possível levantar a hipótese de que, por oposição à influência dos padrões de vinculação no desenvolvimento da ansiedade social, esteja presente o processo inverso. Como tal, estudos futuros poderão estudar a influência da ansiedade social enquanto patologia atual, na forma como a vinculação durante a infância é percebida pelos participantes.

### *5.1. Limitações*

Apesar dos seus contributos, o corrente estudo apresenta algumas limitações.

Em primeiro lugar, todas as variáveis em estudo foram medidas com recurso a escalas de autorrelato susceptíveis de conduzir a enviesamentos. Em segundo lugar, os padrões de vinculação estabelecidos com as figuras parentais durante a infância foram avaliados retrospectivamente pelos participantes, podendo conduzir a enviesamentos uma vez que a percepção que possuímos de uma relação no seu exato momento e a percepção que temos relativamente a essa mesma relação uns tempos mais tarde pode diferir. Neste sentido, em ambas as situações mencionadas, é possível que vieses cognitivos ou estratégias de regulação associadas a padrões de vinculação inseguros possam ter interferido nas respostas dos participantes minimizando ou maximizando os aspetos em análise em cada escala. Neste seguimento, seria benéfico que em estudos futuros, para além da utilização dos questionários de autorrelato, possam ser utilizados outros instrumentos que permitam a recolha de informação de outras fontes confiáveis (como por exemplo pais e professores) ou recorrer a entrevistas de diagnóstico, bem como à observação.

O delineamento do presente estudo poderá, também, constituir-se uma limitação. Tratando-se de um estudo de cariz comparativo e transversal é possível levantar a hipótese da existência de uma relação entre os padrões de vinculação na infância e o desenvolvimento da ansiedade social em idade adulta, assumindo-se que vinculações inseguras precedem o diagnóstico de ansiedade social. Contudo, este tipo de delineamento não permite, efetivamente, clarificar a ordem de ocorrência das variáveis, tão pouco acautelar a ocorrência de possíveis eventos significativos que conduziram à reestruturação dos padrões de vinculação dos participantes. Neste sentido, ainda que seja possível inferir uma relação de causalidade entre as variáveis, não é possível precisar a ordem de ocorrência das mesmas. Para colmatar esta questão, revelar-se-ia benéfico o recurso a um delineamento longitudinal em futuros estudos realizados, procurando acessar a vinculação, bem como a ansiedade social ou características a esta associadas, num período ainda embrionário – como, por exemplo, à entrada para o infantário – de forma a que, mais tarde, as variáveis possam ser novamente medidas com vista a estabelecer uma relação temporal de causalidade entre ambas.

Outra limitação do presente estudo poderá prender-se com o facto de não ter sido utilizada população clinicamente diagnosticada com nenhuma das patologias em análise, tendo sido apenas aferidas características associadas a ambas numa amostra comunitária, pelo que a generalização dos resultados para populações clínicas deverá ser aprofundada em estudos futuros com recurso a participantes clinicamente diagnosticados.

Por fim, a maioritária representatividade feminina na amostra em estudo poderá, de igual modo, constituir-se uma limitação, ainda que este fenómeno se revele relativamente frequente no que concerne a estudos de âmbito psicológico (Read et al., 2018). Não obstante, a generalização dos resultados a outras populações deve ser acautelada.

Todavia, apesar das limitações apontadas, os resultados da corrente investigação sugerem, tal qual a Teoria da Vinculação de Bowlby postula, que o percurso desenvolvimental da criança tem por base as relações de vinculação estabelecidas com as figuras cuidadoras durante a infância e a vivência subjetiva daquela que foi a disponibilidade, sensibilidade e responsividade destas. Estas relações, por sua vez, podem estruturar-se em vinculações inseguras cuja base central assenta no medo face à separação ou rejeição, culminando em consequências negativas para a imagem do próprio, bem como dos outros, e impactando as relações interpessoais (Schimmenti & Bifulco, 2015). Neste sentido, o estabelecimento de vinculações inseguras pode conduzir ao desenvolvimento de perturbações de ansiedade que, simultaneamente, possuem por base estratégias de regulação emocional desadaptativas tal qual é possível observar em sujeitos com ansiedade social. Assim, com vista a evitar o evento *stressor* recorrem a estratégias como a fuga o que, conseqüentemente, funciona, por um lado, como reforço positivo, uma vez que a sensação negativa é substituída por uma sensação de segurança e mais prazerosa; por outro lado, fomenta o abismo relacional no que concerne às relações interpessoais (Graziani, 2005).

## VI. CONCLUSÃO

O objetivo primordial da presente investigação centrou-se na influência dos padrões de vinculação com a figura materna durante a infância no desenvolvimento de ansiedade social em idade adulta.

Neste sentido, com base nos resultados obtidos destacam-se três principais conclusões. Em primeiro lugar, verifica-se possível aferir a existência de uma associação entre os padrões de vinculação e a ansiedade social, com particular destaque no que concerne aos padrões de vinculação inseguros. Segundamente, não se verificam diferenças significativas no impacto dos padrões de vinculação inseguros – ambivalente e evitante – nos níveis de ansiedade social. Por fim, a mais forte associação entre os padrões de vinculação e perturbações de ansiedade com uma vertente social descrita na literatura não foi verificada, observando-se, por oposição, uma mais forte associação entre os padrões de vinculação e a perturbação obsessivo-compulsiva por comparação à ansiedade social.

Ademais, ao comparar os resultados obtidos para a figura materna e os resultados obtidos para a figura paterna, foi possível concluir que, ainda que a relação de ambos com a criança e os consequentes padrões de vinculação que dela advém possam contribuir para o desenvolvimento de domínios e competências distintas, a vinculação ao pai contribui igualmente para o desenvolvimento de perturbações psicológicas, não sendo observadas diferenças significativas – no presente estudo – entre ambos.

O presente estudo contribui, assim, para a literatura já existente na medida em que reforça a relação existente entre variações nos padrões de vinculação e o surgimento de ansiedade social. Como tal, é possível inferir que a vivência precoce de experiências de vinculação negativas com as figuras parentais que, por sua vez, se materializam no estabelecimento de vinculações inseguras com estes, sustenta o desenvolvimento de perturbações de ansiedade – nomeadamente ansiedade social – que, consequentemente, promovem estratégias de regulação emocional disfuncionais reforçando a sintomatologia a esta patologia associada (Read et al., 2018). Assim, os resultados do presente estudo surgem em conformidade com a Teoria da Vinculação desenvolvida por Bowlby.

Numa nota final, ainda que os modelos dinâmicos internos subsequentes às experiências de vinculação precoces tendam a manter-se estáveis no decurso do desenvolvimento (Colonnesi et al., 2011), é possível que fruto do estabelecimento de novas relações interpessoais estes sofram modificações (Vertue, 2003). Como tal, para futuras investigações revela-se imprescindível a realização de estudos longitudinais que acompanhem a tríade familiar no decurso do desenvolvimento da criança – com especial enfoque em etapas fundamentais tais como a primeira infância, pré-escolar e adolescência – com vista a acessar a estabilidade e cristalização dos seus padrões de vinculação no decurso do seu crescimento, bem como o seu impacto no desenvolvimento de diversas psicopatologias, nomeadamente, de ansiedade social.

## VII. REFERÊNCIAS

- Abbasi, Z., Amiri, S., & Talebi, H. (2016). Structural Equation Modeling of Separation Anxiety in Children Based on Maternal Anxiety, Mother-Child Relation, Maternal Attachment Style, Children's Incompatibility Schemas and Child Attachment Style. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 7(4), 54–64. <https://doi.org/10.5901/mjss.2016.v7n4s1p54>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation (Psychology Press & Routledge Classic Editions)* (1st ed.). Psychology Press.
- Asad, S., & Dawood, S. (2015). Attachment Orientation, Obsessive Beliefs, and Symptom Severity in Patients with Obsessive Compulsive Disorder. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 30(2), 207–223.
- Asbrand, J., Hudson, J., Schmitz, J., & Tuschen-Caffier, B. (2017). Maternal Parenting and Child Behaviour: An Observational Study of Childhood Social Anxiety Disorder. *Cognitive Therapy and Research*, 41(4), 562–575. <https://doi.org/10.1007/s10608-016-9828-3>
- Bar-Haim, Y., Dan, O., Eshel, Y., & Sagi-Schwartz, A. (2007). Predicting children's anxiety from early attachment relationships. *Journal Of Anxiety Disorders*, 21(8), 1061–1068. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2006.10.013>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bögels, S. M., & Perotti, E. C. (2010). Does Father Know Best? A Formal Model of the Paternal Influence on Childhood Social Anxiety. *Journal of Child and Family Studies*, 20(2), 171–181. <https://doi.org/10.1007/s10826-010-9441-0>
- Bohlin, G., Hagekull, B., & Rydell, A. (2000). Attachment and Social Functioning: A Longitudinal Study from Infancy to Middle Childhood. *Social Development*, 9(1), 24–39. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00109>

- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss, Vol. 2: Separation, Anxiety and Anger*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759–775. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.759>
- Brown, G., McBride, B., Shin, N., & Bost, K. (2007). Parenting Predictors of Father-Child Attachment Security: Interactive Effects of Father Involvement and Fathering Quality. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 5(3), 197–219. <https://doi.org/10.3149/fth.0503.197>
- Brumariu, L. E., & Kerns, K. A. (2008). Mother–child attachment and social anxiety symptoms in middle childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29(5), 393–402. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2008.06.002>
- Brumariu, L. E., & Kerns, K. A. (2010). Mother–Child Attachment Patterns and Different Types of Anxiety Symptoms: Is There Specificity of Relations? *Child Psychiatry & Human Development*, 41(6), 663–674. <https://doi.org/10.1007/s10578-010-0195-0>
- Brumariu, L. E., Kerns, K. A., & Seibert, A. (2012). Mother-child attachment, emotion regulation, and anxiety symptoms in middle childhood. *Personal Relationships*, 19(3), 569–585. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2011.01379.x>
- Cabrera, N. J. (2019). Father involvement, father-child relationship, and attachment in the early years. *Attachment & Human Development*, 22(1), 134–138. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1589070>
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393–406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>
- Caballo, V., Salazar, I., Irurtia, M., Arias, B., & Hofmann, S. (2010). Measuring Social Anxiety in 11 Countries. *European Journal Of Psychological Assessment*, 26(2), 95–107. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000014>
- Caballo, V. E., Salazar, I. C., Nobre-Sandoval, L., Wagner, M. F., Arias, B., & Lourenço, L. (2017). Validação brasileira do Questionário de Ansiedade social para Adultos (CASO)

*Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 131–150. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p131-147>

Colonnesi, C., Draijer, E. M., Stams, G. J. J. M., Van der Bruggen, C. O., Bögels, S. M., & Noom, M. J. (2011). The Relation Between Insecure Attachment and Child Anxiety: A Meta-Analytic Review. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 40(4), 630–645. <https://doi.org/10.1080/15374416.2011.581623>

Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12–24.

Dallaire, D. H., & Weinraub, M. (2007). Infant–mother attachment security and children's anxiety and aggression at first grade. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 28(5–6), 477–492. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2007.06.005>

Dawson, N. K. (2018). From Uganda to Baltimore to Alexandra Township: How far can Ainsworth's theory stretch? *South African Journal of Psychiatry*, 24, 1–8. <https://doi.org/10.4102/sajpsychiatry.v24i0.1137>

de Castella, K., Goldin, P., Jazaieri, H., Ziv, M., Heimberg, R. G., & Gross, J. J. (2014). Emotion beliefs in social anxiety disorder: Associations with stress, anxiety, and well-being. *Australian Journal of Psychology*, 66(2), 139–148. <https://doi.org/10.1111/ajpy.12053>

Diehl, M., Elnick, A. B., Bourbeau, L. S., & Labouvie-Vief, G. (1998). Adult Attachment Styles: Their Relations to Family Context and Personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1656–1669. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.74.6.1656>

Easterbrooks, M. A. (1989). Quality of Attachment to Mother and to Father: Effects of Perinatal Risk Status. *Child Development*, 60(4), 825–830. <https://doi.org/10.2307/1131023>

Eikenaes, I., Pedersen, G., & Wilberg, T. (2015). Attachment styles in patients with avoidant personality disorder compared with social phobia. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 89(3), 245–260. <https://doi.org/10.1111/papt.12075>

- Elizabeth, J., King, N., & Ollendick, T. H. (2004). Etiology of Social Anxiety Disorder in Children and Youth. *Behaviour Change*, 21(3), 162–172.
- Eng, W., Heimberg, R. G., Hart, T. A., Schneier, F. R., & Liebowitz, M. R. (2001). Attachment in Individuals With Social Anxiety Disorder: The Relationship Among Adult Attachment Styles, Social Anxiety, and Depression. *Emotion*, 1(4), 365–380. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.1.4.365>
- Fernandes, C., Monteiro, L., Santos, A. J., Fernandes, M., Antunes, M., Vaughn, B. E., & Veríssimo, M. (2019). Early father–child and mother–child attachment relationships: contributions to preschoolers’ social competence. *Attachment & Human Development*, 22(6), 687–704. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1692045>
- Fitton, V. A. (2012). Attachment Theory: History, Research, and Practice. *Psychoanalytic Social Work*, 19(1–2), 121–143. <https://doi.org/10.1080/15228878.2012.666491>
- Fletcher, H. K., & Gallichan, D. (2016). An Overview of Attachment Theory: Bowlby and Beyond. In H. K. Fletcher, A. Flood & D. J. Hare (Eds.), *Attachment in Intellectual and Developmental Disability: A Clinician's Guide to Practice and Research* (pp. 8–32). Wiley-Blackwell.
- Galhardo, A., Anastácio, S., Cunha, M., Cardoso, I. M., & Pinto-Gouveia, J. (2020). Inventário Obsessivo de Coimbra – versão reduzida (IOC-R): Desenvolvimento e propriedades psicométricas. *Psychologia*, 63(1), 101–118. [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_63-1\\_6](https://doi.org/10.14195/1647-8606_63-1_6)
- George, M. R., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). Positive aspects of fathering and mothering, and children’s attachment in kindergarten. *Early Child Development and Care*, 180(1–2), 107–119. <https://doi.org/10.1080/03004430903414752>
- Golse, B. (2005). *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Goodsell, T. L., & Meldrum, J. T. (2010). Nurturing fathers: a qualitative examination of child–father attachment. *Early Child Development and Care*, 180(1–2), 249–262. <https://doi.org/10.1080/03004430903415098>
- Graziani, P. (2005). *Ansiedade e perturbações de ansiedade*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). Models of the Self and Other: Fundamental Dimensions Underlying Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 430–445. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.3.430>
- Kamza, A. (2019). Attachment to mothers and fathers during middle childhood: an evidence from Polish sample. *BMC Psychology*, 7, 2–18. <https://doi.org/10.1186/s40359-019-0361-5>
- Lyddon, W. J., & Sherry, A. (2001). Developmental Personality Styles: An Attachment Theory Conceptualization of Personality Disorders. *Journal of Counseling & Development*, 79(4), 405–414. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2001.tb01987.x>
- Manning, R., Dickson, J., Palmier-Claus, J., Cunliffe, A., & Taylor, P. (2017). A systematic review of adult attachment and social anxiety. *Journal of Affective Disorders*, 211, 44–59. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2016.12.020>
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM): versão revista*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Notaro, P. C., & Volling, B. L. (1999). Parental responsiveness and infant–parent attachment: A replication study with fathers and mothers. *Infant Behavior & Development*, 22(3), 345–352. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(99\)00012-0](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(99)00012-0)
- Ollendick, T. H., & Hirshfeld-Becker, D. R. (2002). The developmental psychopathology of social anxiety disorder. *Biological Psychiatry*, 51(1), 44–58.
- Olsavsky, A. L., Berrigan, M. N., Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., & Kamp Dush, C. M. (2019). Paternal stimulation and father-infant attachment. *Attachment & Human Development*, 22(1), 15–26. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1589057>
- Öztürk, A., & Mutlu, T. (2010). The relationship between attachment style, subjective well-being, happiness and social anxiety among university students'. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 9, 1772–1776. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.12.398>

- Papini, D. R., Roggman, L. A., & Anderson, J. (1991). Early-adolescent perceptions of attachment to mother and father: A test of emotional-distancing and buffering hypotheses. *The Journal of Early Adolescence*, 11(2), 258–275. <https://doi.org/10.1177/0272431691112006>
- Perris, C. (1988). A theoretical framework for linking the experience of dysfunctional parental rearing attitudes with manifest psychopathology. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 78(344, Suppl), 93–109. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1988.tb09007.x>
- Portu-Zapirain, N. (2013). Attachment Relationships with Fathers and Mothers during Early Childhood. *Psychology*, 4(3), 254–260. <https://doi.org/10.4236/psych.2013.43a038>
- Read, D., Clark, G., Rock, A., & Coventry, W. (2018). Adult attachment and social anxiety: The mediating role of emotion regulation strategies. *PLOS ONE*, 13(12), 1–21. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0207514>
- Rebelo, A., Veríssimo, M., Maló-Machado, P., & Silva, F. (2013). A Segurança dos Modelos Internos e o Conhecimento Emocional nas Crianças de Idade Pré-Escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 591–598.
- Ribeiro, J. L. P. (2010). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde* (2ª ed.). Placebo.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS* (3ª ed.). Edições Sílabo.
- Scharf, M., Kerns, K. A., Rousseau, S., & Kivenson-Baron, I. (2016). Mother-child attachment and social anxiety: Associations with friendship skills and peer competence of Arab children. *School Psychology International*, 37(3), 271–288. <https://doi.org/10.1177/0143034316631179>
- Schiffrin, H. H. (2013). Positive Psychology and Attachment: Positive Affect as a Mediator of Developmental Outcomes. *Journal of Child and Family Studies*, 23(6), 1062–1072. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9763-9>
- Schimmenti, A., & Bifulco, A. (2015). Linking lack of care in childhood to anxiety disorders in emerging adulthood: the role of attachment styles. *Child and Adolescent Mental Health*, 20(1), 41–48. <https://doi.org/10.1111/camh.12051>
- Schneier, F. R. (2003). Clinical practice. Social anxiety disorder. *The New England Journal of Medicine*, 355(10), 1029–1036. <https://doi.org/10.1056/NEJMcp060145>

- Seedat, S. (2013). Social anxiety disorder (social phobia). *South African Journal of Psychiatry, 19*(3), 192–196.
- Silva, M., & Costa, M. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *PSICOLOGIA, 18*(2), 9–32. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v18i2.428>
- Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal, 21*(1–2), 67–74
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development, 7*(4), 349–367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>
- Stein, M. B., & Stein, D. J. (2008). Social anxiety disorder. *Lancet, 371*(9618), 1115–1125. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(08\)60488-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(08)60488-2)
- Tamannaefar, M., & Sanatkarfar, M. (2017). Social Anxiety Study Based on Coping Styles and Attachment Styles. *Journal of Practice in Clinical Psychology, 5*(2), 115–122. <https://doi.org/10.18869/acadpub.jpcp.5.2.115>
- Thompson, R. A. (2018). Early Attachment and Later Development: Familiar Questions, New Answers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment : Theory, Research, and Clinical Applications* (3rd ed.) (pp. 348–365). Guilford.
- Tibi, L., van Oppen, P., van Balkom, A., Eikelenboom, M., Rickelt, J., Schruers, K., & Anholt, G. (2017). The long-term association of OCD and depression and its moderators: A four-year follow up study in a large clinical sample. *European Psychiatry, 44*, 76–82. <https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2017.03.009>
- van Rosmalen, L., van der Horst, F. C. P., & van der Veer, R. (2016). From secure dependency to attachment: Mary Ainsworth's integration of Blatz's security theory into Bowlby's attachment theory. *History of Psychology, 19*(1), 22–39. <https://doi.org/10.1037/hop0000015>
- Veríssimo, M., Fernandes, C., Santos, A. J., Peceguina, I., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2011). A Relação entre a Qualidade da Vinculação à Mãe e o Desenvolvimento da Competência Social em Crianças de Idade Pré Escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(2), 292–299.

- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., & Santos, A. J. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 21(4), 419–430. <https://doi.org/10.14417/ap.2>
- Veríssimo, M., Santos, A. J., Fernandes, C., Shin, N., & Vaughn, B. E. (2014). Associations Between Attachment Security and Social Competence in Preschool Children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 60(1), 80–99. <https://doi.org/10.13110/merrpalmquar1982.60.1.0080>
- Verschueren, K. (2019). Attachment, self-esteem, and socio-emotional adjustment: there is more than just the mother. *Attachment & Human Development*, 22(1), 105–109. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1589066>
- Vertue, F. (2003). From Adaptive Emotion to Dysfunction: An Attachment Perspective on Social Anxiety Disorder. *Personality And Social Psychology Review*, 7(2), 170–191. [https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0702\\_170-191](https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0702_170-191)
- Vieira, S. L., & Machado, T. S. (2010). Qualidade da vinculação e problemas de comportamento na infância: estudo com crianças em risco ambiental. *1º Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”*, Braga, 1670–1682.
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM: Questionário de vinculação ao pai e à mãe. Porto: Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Retirado de <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Questionário Sociodemográfico

### Questionário de Dados Sociodemográficos

1. **Idade:** \_\_\_\_\_ anos

2. **Género:**

**Feminino**

**Masculino**

3. **Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

4. **Habilitações Literárias:**

1º Ciclo (4º ano)

2º Ciclo (6º ano)

3º Ciclo (9º ano)

Ensino Secundário (12º ano)

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Outro: \_\_\_\_\_


5. **Profissão Atual:** \_\_\_\_\_

**6. Estado Civil:**

Solteiro(a)

União de facto

Casado(a)

Divorciado(a)

Viúvo(a)

Outro: \_\_\_\_\_


## **ANEXO B – Carta de Consentimento Informado Online**

Caro(a) Participante,

O presente estudo está a ser desenvolvido com o apoio do ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, para fins de dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, sob a orientação do Professor Doutor David Neto. Este projeto de investigação tem como principal objetivo avaliar a ansiedade e as relações estabelecidas com as figuras parentais durante a infância.

O estudo conta com a aplicação de três questionários de resposta rápida, finalizando com um questionário sociodemográfico, tendo uma duração prevista de 15-20 minutos. A participação é voluntária, sendo permitida a desistência da experiência a qualquer momento e sem quaisquer consequências. De igual modo, é assegurada a confidencialidade e anonimato das respostas, sendo estas utilizadas exclusivamente para fins estatísticos e cedidas apenas pela investigadora responsável. De forma a garantir o anteriormente mencionado, não serão solicitadas informações pessoais ou de identificação, de modo que é solicitado que não se identifique em momento algum.

Por favor, leia com atenção a presente informação e em caso de alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento, poderá entrar em contacto através do seguinte endereço de *e-mail*: 25145@alunos.ispa.pt.

Grata pela colaboração,

Catarina Correia.

Declaro ter lido e compreendido as informações presentes neste documento. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, desistir da experiência sem qualquer tipo de consequência. Deste modo, aceito participar voluntariamente neste estudo e concedo a utilização dos dados, confiando que estes serão apenas utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato asseguradas pela investigadora.

**Aceito**

**Não aceito**

## **ANEXO C – Explicação do Enquadramento Familiar**

De forma a avançar para os questionários que se seguem é necessário que confirme que manteve, durante a sua infância, contacto com ambas as figuras parentais (ainda que não vivesse com ambas na mesma casa, que estivessem divorciadas, que já tenham falecido, que sejam ou não os pais biológicos).

**Confirmando**

**Não Confirmando**